

A

Sala	A
Gab.	
Est.	4
Tab.	3
N.º	



REFLEXOENS
APOLOGETICAS

A OBR A INTITULADA

VERDADEIRO
METODO DE ESTUDAR

DIRIGIDA A PERSUADIR HUM NOVO

metodo para em Portugal se ensinarem, e aprenderem as sciencias,
e refutar o que neste Reino se pratica;

EXPENDIDAS PARA DESAGGRAVO
*dos Portuguezes em huma Carta, que em resposta de
outra escreveo da Cidade de Lisboa para a de
Coimbra*

O P. FREY ARSENIO DA PIEDADE;
Religioso da Provincia dos Capuchos;
E offerecidas

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOAÕ JOSEPH

ANSBERTO DE NORONHA

Conde de S. Lourenço, do Conselho de S. Ma-
gestade, &c.

Por NICULAO FRANCEZ SIOM.



V A L E N S A

NA OFFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANNO MDCCXLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESSARIAS, &c.

1748

H
D
14
100

REFLEXOES
A POLICEIA
VERDADEIRO

METODO DE ESTUDAR

EXPERIENCIAS PARA DESAGRAVO
dos Portuguezes em Jamma Caes, que em tempo de
outra epocha da Cidade de Lisboa para a de
Coimbra

O P. FRY ARSENIO DA PIEDADE,
Religioso da Provincia dos Capuchos;
E Author das

LO ILLUSTRISIMO, EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOAÕ JOSEPH

ANSELMO DE NORONHA
Conde de S. Lourenço, do Conselho de S. M.
gestada, &c.

Por NICULAO FRANCOZ SIOM.



V A L E N S A

NA OFFICINA DE ANTONIO BALLE

ANNO MDCCXVIII.

COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS, &c.



ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO SENHOR.



E costume inviolavelmente praticado implorar a generosa protecção dos Sabios, e dos Grandes para beneficio das obras, que sahem ao publico. E havendo de apparecer agora na Republica literaria a presente Obra, justo era que recorresse unicamente á benigna protecção de V. Excellencia, porque só nella poderia eu encontrar o desejado favor, e amparo. Appareceo nesta Corte huma Obra dividida em varias Cartas, com o titulo, Verdadeiro Methodo de estudar, intentando seu Author debaixo de hum zelo tão fingido, como o nome, persuadir aos Portuguezes hum novo modo para aprender, e ensinar as Sciencias, que ordinariamente se praticaõ, e refutar o que atégora por tantos Mesires insignes, e que chegarão a ser grandes entre os mayores, se tem praticado neste Reino. Mas como não ha obra fóra das mãos de Deos, que seja tão perfeita, que não padeça alguns defeitos, pelos quaes esteja sujeita á rigorosa severidade da Critica moderna, e como se os argumentos, de que o Author se vale, não sejam fundados em razoes tão solidas, e evidentes, que se não possa facilmente descobri-lhes a resposta; houve entre os Sabios da nossa Corte hum dos que veneramos com mayor respeito, que com verdadeiro zelo quiz desaggravar o credito da Nação ingratamente offendida pela livre mordacidade de hum Critico, que talvez como monstro em si alimentou, mostrando com subtilissimas Reflexões os muitos erros, e alguns

H
10
14
10e

perniciosos, que pretendia simuladamente introduzir: podendo-se applicar ao Author do novo Methodo a Copla, que fez huma Musa picante, vendo o máo caracter de letra, que formava certo Paroco, com quem por particulares razoes se não corria bem,

He cousa de admirar
E muy difficil de erer,
Que quem não sabe escrever
Diga nos quer ensinar.

Sendo pois as presentes Reflexoens huma obra, que para a sua estimação, e censura requer hum talento perfeitamente versado em todas as Sciencias, he certo que só na grande comprehensão, grande talento, e vasta erudição de V. Excellencia podia achar ou merecer a devida estimação, e censura. Desta verdade podem ser irrefregaveis testimuihas não só todos aquelles Sabios, que já venerão a V. Excellencia como Sabio, e como Oraculo; confessando ao mesmo tempo, que em V. Excellencia se verifica o conceito, que para semelhante expressão disse o Poeta de começar pelo fim, em que os outros gloriosamente acabaão; mas tambem todas as eruditas fadigas, com que V. Excellencia continuamente enriquece, e anima o Corpo da Real Academia, aonde resplandece com tão intensas luxes de sabedoria, que o constituem superior a todos os Astros, que compoem aquelle erudito, e sublime Firmamento.

O generoso, e coroado sangue, que V. Excellencia nas vês recebeu de tantos, e tão illustres Ascendentes, tambem era hum principio infallivel para eu buscar a protecção de V. Excellencia; mas como a grande modestia de V. Excellencia me impede mostrar eu o fundamento desta certeza, deixo de referir o que todos sabem; pois o illustre esplendor de V. Excellencia não necessita de se ajudar com hum tão pequeno brado.

Conte pois V. Excellencia tão larga duração na chronologia dos annos, como ha de contar na da Fama, que occupada toda no Elogio de V. Excellencia publica pelo mundo literario, que na sua grande Pessoa tem os Estudiosos hum sabio Mecenas, e a Patria hum poderoso Defensor. A Excellentissima pessoa de V. Excellencia guarde Deos como desejo &c.

Criado de V. Excellencia.

Niculaõ Francez Sioni.



CARTA,

QUE EM REPOSTA DE OUTRA ESCREVEO
 o Padre Fr. Arsenio da Piedade Religioso Capucho,
 morador em Lisboa, a outro Religioso da mesma
 Provincia, assistente em Coimbra.

M Eu Irmao charissimo. Li a vossa Carta com aquella alegria, que me costumaõ causar as novas da boa faude, que lograis, e que desejo gozeis por muitos annos, e igualmente estimo conserveis para comigo a amizade, que ha muito tempo cultivamos. Sinto vos causasse tanto cuidado o titulo do livro, em que me fallais, por ler no seu frontispicio ser seu Authoer hum noso Irmao da virtuosa Refórma dos Reverendos Barbadinhos de Italia. Motivo grande tinha a vossa dor, se o titulo fosse verdadeiro; pois como taõ zeloso do credito da nossa Religiao, vos lastimais, que vestisse o habito de nosso S. P. quem se atrevesse a dar a publico obra semelhante, que seria para nós de grande descredito. Para aliviar o vosso cuidado me pedis, saiba se he verdadeiro o titulo. A' volta desta pergunta vos entrou a curiosidade de querer saber o juizo, que formo desta inculcada refórma geral dos estudos. Se vos contentasseis com huma resposta breve, em duas palavras satisfaria a ambas as perguntas. A' primeira diria, que o titulo do livro he *mentiroso*. A' segunda responderia, que o que se promette no titulo da obra, he *titulus sine re*, e se lhe pode applicar o que de outro grande titulo disse Horacio: *Parturient montes, nascetur ridiculus mus*. Isto bastaria para satisfazer á vossa peticao; mas como vos conheço o genio, e desejo darvos gosto, respondo por partes.

Do mesmo livro se mostra não ser o Author Religioso Barbadinho.

COm muita razão se diz, e o mostra a experiencia, que até para mentir he necessario ter habilidade. Se este homem reparasse, que manifestando as suas Cartas noticias modernas, e não havendo ahi memoria de Doutor Barbadinho Italiano, poderia fingir cousa mais verosimil; e isso sabeis vós, que assistis ha muitos annos nessa Universidade, onde não encontrariéis com tal curioso, salvo fosse algum Sebastião encuberto vindo da Ilha Antilia, e ahi, como outro Eneas, anda dentro de alguma nuvem observando sem ser observado, *et nube cava speculatur amictus*. Mas se na ficção só houvesse esta simples mentira, eu lhe perdoara a venialidade. O peyor he, que para tecer huma satyra descomedida, fingisse ter sahido dos Claustros observantissimos de tão estimavel Refórma. Desta sorte faz injuria á nossa Religião Serafica, e a todos os sujeitos, a quem ousadamente satyriza; porque a maldade do livro redundo em descredito do seu Author. E talvez andarão muito satisfeito do que fez, por não reparar nos inconvenientes, que da suas ficção se seguem; mas quando a paixão he predominante, cega a razão, e causa semelhantes deconcertos.

Tende pois a consolação, que não nos pertence quem escreveo as Cartas, nem queremos tanta soberba nos nossos Conventos, em que se professa humildade. Elle bem se dá a conhecer, e já muitos o vão descobrindo, porque as Cartas são retratos, que representaõ o seu original; e assim como pela falla conheceraõ por Galileo a S. Pedro os que estavaõ em caza do Principe dos Sacerdotes: *Nam et loquela tua manifestum te facit*; assim pelo estylo desta util obra se reconhece o Galileo, ou Galileos, que a ordenaraõ. E quem se havia de persuadir, que entre os filhos do numerosa familia Serafica houvesse hum, que se atrevesse a dizer mal de Escoto? O Doutor Sutil he venerado em todo o Orbe literario, e seguido por huma Religião tão dilatada como o mundo. He hum Author, aquem nunca a Igreja Catholica achou proposição, que notar, nem sentença, que excluir. Houveraõ sim muitos Pontifices, que louvaraõ a sua doutrina, muitos Sabios, que a admiraraõ, e muitos, que a seguiraõ. Foy tal o applauso, que adquirio, que nas melhores Universidades se intituirãõ cadeiras publicas para o explicarem.

Cauza não pouca admiracão ver a audacia, com que contra hum gigante da sabedoria se atreve hum pigmeo, sem mais autoridade que a sua vaidade; e sem mais fundamento que o da sua idéa, queira lançar fora das aulas das Universidades a tão grande homem. La sahe com quatro livrinhos Francezes, talvez em doze, para caberem no bolso; e maude Deos não se jaõ alguns nascidos em Hollanda, ou Inglaterra, feitos criticos da moda; sendo.

fendo que em materias Theologicas metidos todos em huma imprensa launção tanto succo como hum limaõ seco. Humas vezes causa rizo o que diz, e outras me compadeço, porque em fim he nosso proximo.

A' volta do desprezo de Escoto tambem trata com o mesmo a Soares Granatense, Vasques, e outros desta grandeza. A Sciencia media, o decreto predeterminante, ou concomitante são para elle sonho. Seja Deos louvado! Bem podera fazernos graça de explicar, como se concilia a predestinação do homem com a sua liberdade; a efficacia com que Deos move a nossa vontade sem a necessitar; a impeccabilidade de Christo com a liberdade com que morreo por nós, tendo para isso preceito do Eterno Pay. Explique estas, e semelhantes questoes, sem se valer de alguma destas, ou semelhantes doutrinas especulativas, que com tanta arrogancia despreza.

E que direi da fatuidade com que critica a doutrina de Santo Thomaz? Este Santo Doutor he o mesmo, a quem a Cabeça da Igreja, e os melhores Sabios reconhecerão por Anjo das escolas. Pois até a innocencia lhe quiz este presumido Critico tirar, porque disse hum *quidam homo*, que vale tanto como individuo vago, que o Santo peccara em suppor idéas de Aristoteles. Muita dissimulação tem o Mordomo do Hospital, e bem podia por charidade darlhe lá huma casinha. He possivel, que os louvores, que tantos Summos Pontifices tem dado a este Santo Doutor, haõ de valer menos, que hum par de criticas à moda impressas talvez para ganhar dinheiro, e que o seu estylo he contradizer tudo o que podem, e não podem! Sempre tenho suspeita, que os taes modernos não sejaõ firmes na Fé, porque os vejo concordar muito com as invectivas dos hereges contra todos os Doutores escolasticos, e como não podem com razoens desfazer a doutrina, procuraõ desfazer nos Authores; e com estas novidades se introduzem na estimacão de quatro ignorantes, que attrahidos com as promessas de que com pouco trabalho, e em breve tempo ficaraõ grandes letrados, peccado em que cahe este nosso amo, os começaõ a louvar, e pôr no Seteestrello, sendo muito inferior o lugar, que merecem.

He tambem boa prova de que este pobre homem nada tem de Religioso, reparando na sua Carta 15. fol. 201. onde diz, que devem os Pappas diminuir os privilegios concedidos às Religioens. Vede que bom filho de S. Francisco! Funda-se em huma razãõ falsa, e logo se contradiz. A falsidade he dizer, que já cessaraõ os motivos, porque se concederaõ. He boa ignorancia! Os motivos foraõ os serviços, que fizeraõ à Igreja, e supponhamos, que não tiveraõ outros. Se estes motivos foraõ verdadeiros como haviaõ de cessar? Deixando o preterito de ser preterito? Igualmente se contradiz; porque dizendo lhe foraõ concedidos, a poucos passos diz, que os Regulares os usurpaõ. Acharia em algum dos escaninhos da sua erudição, que usurpa, quem aceita o que lhe daõ?

Finalmente bem mostra não ser Religioso Barbadinho, salvo se tem

barbas posticas, como as do terço do General Carracena para meterem grande medo aos Soldados Portuguezes. He, digo, indicio certo de não vestir o habito da Ordem Seráfica o mal que diz da Religião da Companhia de Jesus, em toda esta solemne Obra, e muito em particular na Dedicatoria. E assim como nas Cartas quiz introduzir hum novo methodo de estudar, na Dedicatoria apparece com hum estranho modo de elogiar tirando da sua celebre Rhetorica, que diz está para se imprimir, a figura da Invenção tão galantemente adornada, como huma velha de cem annos com polvilhos na cabeça, e finaes na cara.

Começa a louvar esta estimada Religião, a quem confessa a educação, e ensino, e sendo os louvores diminutos para os seus merecimentos, logo se enfada de fallar, ou fingir, que falla verdade, e com muita graciinha, e sem ceremonias se desdiz, destazendo-se em vituperios. Criaí o corvo tirarvosha o olho! Eu não pertendo defender esta sagrada Familia, porque não necessita de tão fraco defensor, como eu. Se a não impedisse a modestia, facil lhe seria descobrir este mascarado, e pôr em publico donde vem a sua erudição de Quenel, e Talmud, que pertende introduzir neste seu novo Methodo.

Estes Reverendos Padres, correndo a fortuna de seu Santo Patriarca sempre foraõ perseguidos de hereges, e invejosos; daquelles porque descobrem os seus erros, destes porque lhe affombraõ as luzes furtadas, com que pretendem resplandecer. Tenha a certeza esta sagrada Religião, que sendo, como disse o Oraculo do Vaticano, o braço direito da Igreja de Deos, não deve temer, nem aos meismos Alexandres vencedores na Asia, nem a Scitorios, e Viriatos entre nós celebrados na valentia. Digaõ os satyricos o que quizerem, que as suas ideas nada significão; as suas settas não chegaõ ao Sol, e as suas palavras, são badeladas em sino de cortiça, que não tem som, nem tom.

O mesmo digo dos mais sujeitos da primeira esfera tanto na nobreza, como na erudição, e sciencia, que arrojadamente se nomeaõ, e descortezmente se criticaõ nestas tão ridiculas Cartas, que confesso a Vossa Charidade me em envergonho de as ter lido; mas já que as li, hey de dizer, o que julgo dellas, por vos dar gosto. Antes de acabar esta Reflexão, quizera advertir a este satrapa do outro mundo, que as Dedicatorias não tem parentesco com os Prologos, e se devem separar no principio do livro. O Prologo he para todos os leitores, dando-lhe razão da obra, do estylo, e divisão della, e talvez reconhecendo a sua insufficiencia (se a cazo tem humildade) e sujeitando-se á correção dos que melhor o entendem. A Dedicatoria deve ser toda dirigida ao Patrono, declarando a causa que o moveo para lhe offerecer o livro. Ajuntar estas duas cousas em huma, he desordem contra a boa Rhetorica, em que este selecto Critico se nos inculca singularmente instruido: *mas non quodcumque mirabitur Euris, hoc faciet.*

R E F L E X A M II.

Juizo, que se deve formar do Author, e da sua obra em geral.

HE a soberba vicio fecundo, da qual nasce a presumpção, vaidade, e desprezo. Tudo se vê no Author, que fingindo-se elevado á mayor esfera, entende que os mais homens presentes, e passados lhe ficam a perder de vista, e muito inferiores. He o que experimentaõ os que querem fervir de hum oculo de ver ao longe, e uzaõ delle ás avessas, que todos os objectos se lhes representaõ pequeninos, e ainda que estejaõ perto, lhes parecem muito distantes. Cheya pois a cabeça do soberbo com huma espessa nuvem de fumaças, feito outro Narciso, entra a contemplar os grandes talentos, com que cuida o tem adornado a divina Providencia, cheyo de vaidade parecelhe, que as palavras, que profere, são sentenças de Seneca; as ideias, que lhe occorrem são a quinta essencia de Plataõ; as suas resoluções são Canones do Tridentino; as suas praticas com os amigos são bôcados de ouro, que lhe sahem da boca, e as vezes lastimosamente perdidos, por não encontrar quem os aproveite; se disse huma graça, foy com tanto fal, que excede as marinhas de Setuval, se escreveu huma Carta, elle só ganha todas as de Cicero no estylo epistolar, como se fosse o zápete no jogo do truque, ou espadilha na arrenegada, se o vesinho, ou adherente o vay consultar para saber como se ha de desembaraçar de hum negocio embaraçado, o conselho, que lhe dá, encerra tanta prudencia, que a não leva hum carro; se eicarra, ninguem o faz com mais limpeza; se se meneya, não ha mais gravidade; e se se poem á fizuda, não ha Cataõ, que lhe chegue.

Daqui lhe nasce hum geral desprezo de tudo o que não he seu, ou dos seus. Os conceitos alheyos, se não se aconmodaraõ com os seus, são partos informes de hum entendimento offuscado; e se ouve fallar em opiniaõ oposta á sua, he delirio. Se a pessoa, que lhe falla, he de mayor respeito, e não pôde contradizello, lá o faz para com os seus botocens, e diz entre si: Ah pobre homem, que não sabes o que dizes, nem entendes, o que me ouves; compadeçome da tua ignorancia! Outras vezes, se não aceitaõ as suas razoes, logo assenta comfigo, que o tal sujeito não he capaz de fallar com quem entende as cousas, e que se ouve os seus discursos, he por se divertir hum pouco, e aliviar o grande pezo de negocios, em que anda metido. A muitos com huma pergunta confundio de modo, que lhe não souberaõ responder; e encontrou Mestre de Latim, aquem perguntando, como se entendia aquelle verso de Viugilio: *At Regina gravi jam dudum saucia cura*: ficou confuso, sem saber que dizer. Finalmente para instrucção da mocidade Portugueza sabe de hum amigo (e será elle, que por humildade se não declara) que tem huma Rhetorica, huma Fyfica, e outras obras, com que pasmará o mundo.

Aqui

A qui tem vossa Charidade este retrato tirado das mesmas Cartas do Author, que veyo a este mundo para fortuna nossa, credito da nação, affombro, e inveja dos estrangeiros; lá lho accommode, que he vera effigies. Passo agora ao conceito, que fórmo da sua obra. Para me explicar, he preciso fazer huma digressão. Os hereges modernos, como Luthero, e Calvino para de algum modo capearem os seus erros, quizerão persuadir aos ignorantes, que a Igreja Catholica Romana tinha cahido em varios erros, e abusos, os quaes elles pertendiaõ emendar, notando de caminho, que os Papas tinhaõ usurpado mais ampla jurisdicção da que lhes fora concedida por Christo: e por lhe ser preciso afinar algum tempo, em qué a Igreja estivesse sem erros, e abusos, para nesta supposiçãõ cahir melhor a sua sonhada refórma, se fingiraõ devotos dos Santos Padres dos primeiros seculos, como Santo Ambrosio, Agostinho, Jeronymo, Gregorio, &c. O mesmo intento levou Jansenio, protestando, que as suas cinco famosas proposiçoens eraõ expressamente tiradas de Santo Agostinho, aquem seguiraõ outros, e finalmente Quesnel com cento, e huma proposiçãõ, todas filhas daquellas cinco.

Lançando este primeiro fundamento, e vendo, que os Santos, e Authores mais modernos tinhaõ reduzido as materias Theologicas a boa fórma, separando para cada huma o que lhe pertencia, a que deu grande luz Santo Thomaz; advertindo tambem, que nas taes obras se achavaõ firmadas as resoluçoens oppostas ás suas heresias, tomaraõ o cuidado de fazer criticas contra todos estes Authores, accusando-os de não seguirem aos primeiros Santos Padres, mas se desviaõ delles, e que as suas obras se deviaõ desprezar, como cheyas de questõens impertinentes, e ignorancias. O primeiro tiro foy contra Santo Thomaz por hum discipulo de Luthero, e logo contra os mais celebres Doutores; e destas criticas sahiraõ innumeraveis compostas com muita elegancia, e ordenadas com grande erudição principalmente de historia sagrada, e profana.

Tambem appareceraõ varias feitas por lisonja, e conveniencia propria, como a de Fr. Paulo Sarpo em Veneza, deprimindo, a authoridade Pontificia, e affirmando, que não podia censurar, nem privar de seus dominios aos Principes, e Republicas soberanas, ponto em que lisongeava a de Veneza, entãõ desobediente ao Summo Pontifice, livro, que muito agradou em Hollanda, onde logo se verteo em Francez. Sahio á luz outro, fingindo-se grande devoto de S. Paulo, querendo igualallo na authoridade a S. Pedro, para com toda a sua devoção diminuir a authoridade de seus Successores; e logo outro, querendo fundar a authoridade da Igreja igualmente em hum, e outro Santo, e ambos condemnados por Innocencio X. e desta casta tantos, que podiaõ fazer grandes fogueiras. Agradou o estylo critico a muitos, ainda que Catholicos, e sem advertirem no veneno, huns dando ao prélo, por mostrarem engenho, outros por serem inclinados a novidades, e tam-
bem

bem alguns criticando os mais, para mostrarem, que sabião mais que elles. E até o nosso Critico julga ser acertado ler as obras dos hereges, para delles se aprender o methodo, como se entre as flores se não escondessem os aspides, e nas rozas se não encontrassem espinhos.

Reina esta moda muito em Inglaterra, França, e Flandres. E posto que muitos destes sejaõ Catholicos, he necessaria grande advertencia para os separar dos que são suspeitos na Fé, ainda que ordinariamente se achão em Francez, porque nesta lingua sahem de outras partes; e ainda que sejaõ nascidos em França, bem sabido he, que lá não faltaõ Jansenistas. Continuando esta grande moda, depois de se desenfadarem contra a Theologia, passaraõ as criticas contra as mais sciencias. Sahiraõ contra a Filosofia huns Carthesianos, outros meyo Carthesianos, fizeraõ os animaes viventes automatos, e como machinas artificiaes insensiveis, e em recompensa o nosso Critico os faz discursivos; desterraraõ os accidentes, extinguiã as cores, fazendo os objectos visiveis por força de luzes furtadas; tiraraõ a definição ao homem duvidando, como faz este nosso Critico, que se define: *Animal racional*. O globo da terra, que até agora tinhamos por redondo, appareceo ovado, e em continuo movimento na nova idéa de Copernico, ficando o Sol parado, sem ser a rogos de Josué; ao ar deraõ-lhe hum grande pezo; e á pobre da alma racional lá a prenderaõ na cabeça, sem consentirem, que visitasse as mais partes do corpo humano.

Todos estes livros tiveraõ grande applauso entre muitos principalmente moços, e isto por tres razoens. Primeira, por serem livros de estrangeiros, cujas modas tem grande sahida entre nós, ainda que com ellas, nos levem todo o ouro das Minas, depois de nos terem despojado da prata. A segunda, porque não tendo animo para se cansarem no estudo das materias *exprofesso*, e vendo que as sciencias são muito mais largas, que a vida, desejando por outra parte abarcar todas, applicaõ-se com muito gosto a estes livrinhos, e em lhe dando hum par de voltas, entraõ a fallar em toda a casta de Theologia, e Direito, Filosofia, Mathematica, Rhetorica, Humanidades, e outras cousas mais, com tanta satisfação propria, que não se lhe póde tirar da cabeça, que estaõ consumados em toda a literatura.

A terceira pelo que respeita á Fysica, porque com muitas habilidades fizeraõ instrumentos realmente agradaveis pelo seu artificio: com hum persuadem, que tiraõ o ar da garrafa, por cuja falta a mosca, que está dentro, fica amortecida; e logo dando liberdade ao ar, para que torne para sua casa, se levanta a mosca como resuscitada. Porque a bomba não tira agoa se não em certa altura, entraõ a demonstrar, que não sobe mais, porque o ar não tem mais pezo; e se algum quer contradizer a sua idéa, e diz que o ar faz huma abobeda, com que cerca este globo da terra, e por isso não carrega em parte nenhuma da terra, e por conseguinte não he essa a causa porque a agua sobe na bomba, Deos nos acuda, que o curioso he diota.

e não sabe o que diz. Para mostrarem, que os animaes são puras machinas, fizeram huma ave de metal, que se movia, como fazem os relogios, com o bico apanhava o milho posto em determinado lugar, e descendo ao bojo, dava em hum moinho, que o partia, e logo, como se o digerisse, lhe sahia pelo rabo. Vedes pois, diziaõ, que se a arte humana faz huma tão galante machina, quanto melhor a fará Deos? A vista deste, e semelhantes artefactos, palmaaõ os aprendizes, e daõ a couza por provada; e corra a paga ao Mestre tão bem merecida, como a que se dá por ver por hum buraco a perspectiva de Versailles. Tudo lhe faça bom proveito no corpo, e alma, que he frase de que usa o nosso Critico mór.

Esta digressão com pouco trabalho mostra o juizo, que se deve formar de toda a obra, a qual impugnando tudo, nada conclue, que he sentença do senhor Author na Carta 6. fol. 157. Reparastes já na obra de hum alfayate? Consiste v. g. para sahir huma casaca, em dar tifouradas na pezza de panno, repartir em partes o forro, e o mais necessario para a obra; entra logo o senhor Mestre, e algum official a coser aquelles retalhos, e apparece huma casaca á moda, e toda França. E qual he o artificio da obra? em cortes pelo alheyo, e coser os pannos cortados. Aqui tendes a idéa da obra. Corta-se pelas sciencias sem alma, e o que nelles ha de agudeza, chama-se rapaziada: de sorte que o discurso de hum bom entendimento, combinando humas razoes com outras para especular alguma resolução, he futilidade: porém lidar com a siringa, bomba, fogo para quebrar as pedras, garrafas de que se tira o ar, boromatros, termonatros para ver subir o espirito do vinho, e o azougue, reparar nas habilidades, que tem o caõ do cego, para daqui colher algumas noticias da Fyfica experimental, são diligencias muito graves! Seja por charidade.

Tambem a obra corta pelos Authores de melhor nota, e estimação; e não se busca o bom, ou o melhor delles, mas se appareceo alguma couza má, ou menos ajustada, lá vay a tifourada. Só a sagrada Escritura he optima, o de mais *nihil est ab omni parte beatum*. Os Authores, ainda que sejaõ os mais avultados na sciencia, por fim de contas são homens, e não há que espantar falem em alguma couza; pois como disse Quintiliano: *Summi enim sunt, homines tamen*. Eu já por honra de N. P. S. Francisco lhe perdoe de todo o coração estas tifouradas; mas vejo que quasi todos os cortes entraõ pelo melhor dos Authores, e effes não lhos posso perdoar: mas já me desdigo; se elle cuida, que corta bem, não há mais remedio, que encommendallo a Deos.

Depois de se cortar, entra-se a coser a obra. Aqui he ella. O homem tem a vista cansada, como quem tem cosido de noite muito panno preto. Que remedio? Ajuntem-se officiaes para a obra: huns ou parentes, ou adherentes, cosaõ huma Critica, outros outra: daqui tirem o discurso, que já se fez sobre huma materia, dalli outra, que quem não tem muito cabe-

dal vira o vestido de dentro para fóra, ou ao menos de huma capa enge-
nha huns calçoens. Venha daqui o memorial, que se deu em tal tempo;
venha de lá o arbitrio que deu fulano, e sicrano: o Author poem as linhas
de casa, e temos obra. Mas a sciencia do mestre Alfayate he como a sua
gaveta, onde se não acha peſſa inteira, tudo ſão retalhinhos de bayeta,
panno, ſeda, e de varias cores; da qual apenas se póde tirar com que se fa-
ça huma carapuça de ſaloya, ou barretinho para criança.

O modo de fallar he contra toda a Rhetorica, ainda que se nos incul-
ca muito adiantado nella. Porque quem quer perſuadir alguma couſa, pro-
cura ganhar a benevolencia do ouvinte, ou leitor; porém ſatyrizar toda hu-
ma nação, e os melhores ſujeitos della, para os attrahir ao ſeu partido, he
querer buscar hum circulo pela ponta. Vá hum Portuguez a Inglaterra tra-
tar hum negocio importante, e que depende dos votos do ſeu Parlamento,
e tome por preambulo dizer mal daquella nação, e experimentará o bom
deſpacho, que traz.

Se o zelo da utilidade publica foy o motivo deſta obra, eu lhe daria
a materia mais util, e agradavel para ambos os ſeus tomos. Mude a ulti-
ma palavra do titulo, e diga: *Verdadeiro methodo de trabalhar*. Deſte he
que temos grande neceſſidade. Sem ſahir da noſſa Corte, lhe darey grande
campo, em que ſe dilatem os ſeus arbitrios. Repare nas lamas, que fazem
impraticaveis as ruas, não obstante a grande deſpeza, que ſe faz em ſe var-
rerem. Se ſe lançaõ junto da Cidade, fazem monturos, e ſe no rio, dizem
que entulhaõ a barra; e tudo iſſo nasce da falta de methodo. As calçadas
cuſtaõ muito dinheiro para ſe concertarem, e duraõ pouco os ſeus concer-
tos; os carros abalaõ as cazas, e fazem-ſe taõ pezados, que não faz pouco
huma junta de bois para os mover, ainde eſtando vazios. Os aguadeiros com
as ſuaſ cangalhas, e as ſaloyas com os ſeiroens mayores, que donaires, ſão
prejudiciaes aos que andaõ a pé, ou a cavallo: as ruas humas ſão eſtrei-
tas, outras tortas; e tudo iſto carece de novo methodo. Tal vez não ha-
ja Corte, em que aconteçaõ tantos roubos, e mortes como na noſſa. Ar-
brite o meyo, com que ſe evitem.

Que diremos dos officiaes mechanicos? Que mentiras não prégaõ deſ-
culpando a tardança das ſuaſ obras; e o que mais he, cada anno accrescen-
taõ os preços, e dizem que lhe cuſtaraõ muito a fazer, e que eſtaõ caros
os materiaes; a verdade de tudo he a falta de methodo, tanto em traba-
lhar, como em comprar. Tambem as lavandeiras neceſſitaõ de algumas li-
çoens, porque deſtroem a roupa com a romper, e uzaõ de pedra em lugar
de ſabão. Diſcorrendo pois por eſtes, e ſemelhantes argumentos, não lhe
faltará materia para o primeiro tomo.

Para o ſegundo trate de idéas mais nobres. As noſſas ſearas apenas
daõ ſeis por hum, produzindo mais em outros paizes, e tudo iſto nasce de
não ſaberem os lavradores o verdadeiro methodo de as cultivar. Subindo

mais alto; he grande desconfolação ver o estrago, que fazem alguns rios nos campos enchendo-os de arcia, que os faz esteris. A ponte de Coimbra dizem estar fundada sobre outra, e com tudo isto está entupida, que já os barcos não pódem passar por baixo dos seus arcos. A barra do Porto he perigosa por apertada com os rochedos, que a cercaõ de baixo da agua; as de Vianna, Villa de Conde, Aveiro, Buarcos, e em parte esta de Lisboa padecem o infortunio de irem as areas prevalecendo conrra ellas. Boa occasião para enfiar o verdadeiro methodo de acudir a estes damnos. Tambem seria grande gloria sua demonstrar a decantada quadratura do circulo, os pontos fixos para a navegação de Leste a Oeste, e o desejado moto perpetuo, para o que se tem propoisto grandes premios, com que se animem os homens de grande talento; e quando não queira o premio, sempre ficará com a gloria, que para animos nobres vale mais. E com estes, e outros semelhantes methodos fará segundo tomo, que quanto os das suas Cartas não vallem a tinta, com que se ecreverão.

R E F L E X A M III.

Proposiçoens, que se achão no livro, dignas de grave censura.

NÃO vos pareça, que esta Reflexão se ordena a mostrar, que o Critico mór he hereje, porque a isso me não persuado; he sim para confirmar o que já infinney, que elle se aproveitou de muitas criticas, particularmente na lingua Franceza, nas quaes ás vezes se acha muita fizania misturada com o trigo; e como não he bem instruido na Theologia dogmatica, por mais que cuide o contrario, cahio nos erros, que aqui vos quero apontar; e tal vez, que cahiria em muitos outros, em que eu não repararia, tanto pela preffa, como pelo fastio, com que li as Cartas, que logo as lancei de mim enfadado de ler tanto disparate junto.

Apontei as seguintes proposiçoens. Primeira: *O peccado de nosso primeiro Pay nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano.* Assim se le na primeira parte fol. 253; e logo diz a segunda no mesmo lugar: *Por isso nós peccamos, e peccando nos desviamos da verdade da ley divina, que he tão confórme á boa razão, porque não damos attenção á dita verdade.* A qui há falsidade, e *aliquid sapiens haresim.* Na primeira se dá a entender, que nossos primeiros Pays antes do seu peccado não estavaõ sujeitos ao engano, porque como nesse tempo não tinhaõ peccado, tambem ainda não tinhaõ incorrido na pena: e com tudo isso, antes de estarem sujeitos ao engano, peccaraõ; segue-se logo, que he falsa a segunda proposição, em que se requer a inadvertencia para o peccado. Quanto mais, que antes de Eva peccar, a enganou a Serpente, como ella confessou claramente: *Serpens decepit me.* E Adão levado das palavras de Eva cahio no mesmo engano, e isto

isto antes de provar o pomo prohibido. E quem disse a sua Reverencia, que se Adão não peccara, seus filhos não cahiriam em algum engano não só físico, mas moral? Fallando em geral dos mais homens nos termos da segunda proposição, supponhamos este caso, que não he metafyzico. Pedro se acha com opportuna occasião de furtar huma bolsa, e se ve tentado a fazer o furto por ser costumado a semelhantes delítrezas; porém illustrando-o Deos com hum claro conhecimento daquelle maldade prohibida pela *ley divina*, e natural *taõ conforme á boa razão*, venceo a tentação, e não lançou mão da bolsa. Isto supposto, pergunto ao senhor Doutor: Pedro mereceo na victoria desta tentação, ou não? Parece que sim, e tambem deve conceder, que a resistencia foy livre, porque sem liberdade não há merecimento, como está deñido contra Janenio na sua terceira proposição. Pois se Pedro resistio livremente á tentação, podia não querer resistir furtando a bolsa: logo tendo o claro conhecimento da maldade do furto, podia peccar, não obstante o que diz na tal segunda proposição. E há muitos ladroens, que não são rústicos, e bem sabem, quando furtaõ, que obraõ contra o sétimo mandamento, e contra hum dictame natural: *Quod tibi non vis, alteri ne facias*, e com tudo peccaõ.

Terceira proposição, 2. p. fol. 11. *O accidente da cor . . . que he o mesmo que dizer, que não he huma entidade distincta da substancia.* Tomada ao pé da letra, e applicada á Hostia consagrada pouco se ajusta com a condemnação da segunda proposição de Wiclet condemnada no Concilio Constançiente anno de 1418. na sessão oitava, da qual fallaremos na Reflexão decima. Por ora digo, que o contrario se lê nas liçoens approvadas pela Igreja no Officio divino deste Sacramento, que são de Santo Thomaz, e dizem assim: *Accidentia autem sine subjecto in eodem subsistunt, dum invisibile sumitur sub aliena specie occultatum, & sensus á deceptione reddantur immunes, qui de accidentibus judicant sibi notis.* Se na Eucharistia não ficão accidentes, por serem o mesmo com a substancia do pão, e vinho; devem dizer, que alli nem há cor, nem cheiro, nem sabor, mas huma mera apparencia de tudo isso; mas neste caso, falso he dizer que *Sensus á deceptione reddantur immunes.*

Quarta, na 2. p. fol. 13. *A natureza humana de Christo unida á Pessoa do Verbo, não he pessoa humana, mas divina.* Vamos vendo o sentido, que póde ter. Se quer dizer, que a natureza humana, a qual se unio á Pessoa do Verbo, mas tomada *se sola*, não he pessoa humana, porque nestes termos se considera *in abstracto*, e como *humanitas*, concedo se não há já de chamar pessoa humana, porque ainda se não toma *in concreto* com subsistencia; mas neste sentido he heresia, o que accrescenta dizendo ser *Pessoa divina*; pois he claro, que a humanidade he creada, e nem he, nem póde ser pessoa divina. Se quer dizer, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo, só resulta pessoa divina, e não humana, porque julga que sem

subsistencia humana, não he Christo verdadeiro homem; profere huma blasfemia heretica, pois se acha na confissão da Fé escrita no Symbolo de S. Athanasio recebido pela Igreja Catholica ibi: *Homo est ex substantia Matris perfectus Deus, perfectus homo.*

Finalmente se confessa, que da natureza humana unida á Pessoa do Verbo resulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que este se não pôde dizer pessoa humana, porque para isso he necessario, que tenha subsistencia humana, diz huma grande falsidade; porque para huma pessoa se chamar humana, só se attende á natureza, seja ou não seja humana a sua subsistencia; tanto assim, que estas palavras *homem*, e *pessoa humana*, são synonymas. Nestes termos a sua proposição he temeraria, porque destituida de fundamento, e em materia tão grave opposta ao sentir dos Theologos. He escandalosa, porque *probat fidelibus occasionem errandi. He male sonans*, porque o seu sentido obvio he mais proprio para significar heresia, e *en verbis inordinatè prolatis iacurritur hæresis.* É he erronea, porque se oppoem a huma conclusão Theologica, a saber: *Est homo: ergo est persona humana*, assim como pela mesma razão dizem os Theologos ser erronea esta. *Non est visibilis*, por ser opposta a esta: *Christus est homo: ergo est visibilis.*

Quinta, na mesma folha: *Quando a natureza criada se une a huma pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas acções.* Construida ao pé da letra he heretica, porque vem a dizer, que Christo em quanto homem não tem liberdade, a qual requer dominio para a acção ser livre. E como podia Christo ter actos meritorios sem liberdade? Querernos-ha o Senhor Doutor persuadir, que *ad merendum sufficit libertas á coactione?* Mas isso he condemnado na terceira proposição de Jansenio. Se basta na sua opinião, que huma acção, que he voluntaria, se possa dizer livre, he cahir na proposição 39 de Baio condemnada por Gregorio XIII.

Sexta, na p. 68. ibi: *Homem, que não despe todos os vícios do animo todas as acções deste homem não são officios, mas vícios, e maldades.* Não reparo na má gramatica, com que aqui se explica. Vou ao ponto, e pergunto: Se este tal homem, advertindo no seu máo estado, pedir a Deos Ihe dê resolução, para despedir os vícios do seu animo, será esta petição vicio, e maldade? Se no tempo, em que anda com tantos vícios, matar hum homem, peccará? Não pôde dizer que não; como porém fez o homicidio livremente, aliás não peccaria matando, podia resistir á tentação? Se resistisse, seria esta resistencia vicio, e maldade? Se diz, como deve, que não, lá vay a sua proposição. Se diz, que sim, vem a dizer, que o tal está necessitado para peccar: o que he condemnado na proposição 35 de Baio. E a proposição supra he heretica, e coincide com a 25 do mesmo Baio, tambem condemnada: *Omnia opera infidelium sunt peccata.*

Setima, na p. 161: *A Theologia fundada sobre as formas substanciaes, e accidentaes, he prejudicial aos dogmas da Religião.* Se falla da Religião
Luthe-

Lutherana, ou outra semelhante, seja o que quizer: se falla da Catholica, he proposição temeraria, erronea, e mal soante. Bastaõ por todos Santo Thomaz, e Escoto, que seguindo na sua Teologia o systema das taes formas, foraõ muitas vezes louvados pelos Summos Pontifices; e he temerario, e alguma cousa mais, dizer que os Papas louvaraõ muitas vezes huma Teologia opposta aos dogmas da Religião Catholica. E se ella se opoem aos taes dogmas, tambem se oppoz o Concilio Lateran. *Sub Leone X. Sess. 8.* que chamou á alma racional fórma do corpo. E o Tridentino *Sess. 6. c. 16. can. 11.* que disse, ser a graça habitual inherente á alma: e que os habitos das virtudes se infundiaõ com a graça santificante; como tambem o Moguntino *cap. 7.* de que se infere com evidencia serem fórmas accidentaes. Veja que conseqüencias se seguem da sua proposição.

Oitava, p. 163. *Deos no estado da innocencia ensinou aos homens muitas verdades.* Tomara me differa, que homens eraõ estes no estado da innocencia; porque eu no Genesis só acho hum, que he Adaõ. Se quer dizer, que aquelle estado durou até Eva parir filhos, diz huma heresia.

Nona, p. 180. *Da Tradição nasce a authoridade da Igreja Universal, dos Concilios geraes, e da Igreja Romana.* Dizer, que a authoridade da Igreja nasce da Tradição, he heresia; porque nasce de Christo, quando disse a S. Pedro: *Tu es Petrus, & super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam... Pasce oves meas.* Aqui deu a authoridade a S. Pedro como Cabeça da Igreja, e nelle aos seus successores. Antes pelo contrario, para a Tradição ser legitima, e authentica, devia primeiro ser approvada, e declarada pela Igreja. Assim como ella he, a que nos declarou, quaes eraõ os livros da Escriptura sagrada, e quaes os que o não são, como *Evangelium Thadai, & Periodi Tecla.* E como haviamos crer firmemente nas definições do Tridentino, se a Igreja nos não certificasse, ser aquelle Concilio legitimo; assim como não cremos, nos que declarou por conciliabulos? Veja o que diz o Author da Bibliotheca erronea *dub. 1. §. confirmatur*, ibi:

Nunquam Ecclesia controversias fidei judicare certò poterit ex verbo Dei scripto, vel tradito, quandiu incerta erit, vel de libris, quibus verbum Dei scriptum continetur, vel de monumentis, quibus ad nos verbum traditum transmittitur: fundamenta Religionis concutiunt, qui hanc authoritatem de Ecclesia tollunt... ex quo manavit communis illa certissima persuasio Catholicorum omnium, Ecclesiam distinguendo libros Canonicos ab apocryphis, Concilia legitima a non legitimis, non posse decipi. Eis aqui como fallaõ os que sabem o que dizem.

Tambem não soa bem o distinguir, como se fossem trez cousas diversas, Igreja Universal, Igreja Romana, e Concilios geraes. Tudo isto tomado em sentido catholico, unido com a Cabeça da Igreja, que he o Papa, faz huma só cousa, a que chamamos: *Unam Sanctam Catholicam, & Apostolicam Ecclesiam.* Se as toma sem a tal uniaõ, nem he Igreja Catholica,

ca, e Romana; mas Scismatica, como a da Ruffia, nem Concilio legitimo, mas acephalo, e conciliabulo. O contrario será cahir na 25 proposição de Luthero condemnada por Leão X. a qual dizia: *Romanus Pontifex Petri successor, non est Christi Vicarius super omnes totius mundi Ecclesias ab ipso Christo in B. Petro institutus.* Vaimo parecendo, que esta divisaõ de Igreja, e Concilio foy tirada dos que em França appellaraõ *ad futurum Concilium* contra a definiçaõ da Bulla *Unigenitus*.

Decima, pag. 192. *Depois do Seculo sexto, dilatando-se a jurisdicção dos Pontifices não sã sobre os Seculares, mas tambem sobre os Ecclesiasticos.* Semelhante erro he proprio dos que não querem reconhecer a jurisdicção do Vigario de Christo, como se os Pontifices não recebessem logo de Christo toda a sua jurisdicção, o que directamente se oppoem ás palavras do Senhor: *Tibi dabo claves regni calorum. . quodcumque ligaveris, & quodcumque solveris, &c.* Não ha duvida, que os Pontifices nos primeiros seculos não exercitaraõ toda a sua jurisdicção, por ser perdominante o Gentilismo, assim como agora a não exercita contra os Turcos, e Gentios da Asia, por não terem o bautismo, com que ficaõ subditos da Igreja. nem ainda muitas vezes contra os Christãos, por reconhecerem nisso inconvenientes; mas he cousa muito diversa não exercitar a jurisdicção, ou não a ter; e este ultimo sentido faz a proposição acima notada, e por isso he mal soante.

Undecima, na p. 181. *A authoridade dos Padres antigos he infallivel.* Grande erro! Esta prerogativa só pertence á sagrada Escritura, e definiçoens da Igreja. Veja o Senhor Doutor a proposição 30, condemnada por Alexandre VIII. somente por dar authoridade infallivel a Santo Agostinho ibi: *Ubi quis invenerit doctrinam in Augustino clarè fundatam, illam absolutè potest tenere, & docere non respiciens ad ullam Pontificis bullam.* Isso he que queriaõ os Jansenistas.

Tambem he digna de nota a proposição, que traz fol. 230, e diz: *A Cartilha chamada do Mestre Ignacio, he cousa indigna.* He o homem insignificante em bazofias. Este livrinho he hum compendio, que ensina o que devemos saber para bem pedir, crer, e obrar. Ha quasi dous seculos, que por elle aprendeo Portugal os mysterios da Fé, conserando-se sem heresias; tem sido impresso muitas vezes, e sempre approvado pelo Santo Officio. Deste pois com todo o desaforo diz, que he cousa indigna. Tenha muita saude, e Deos o faça santo. Se quer compor alguma Cartilha livre destes erros, que aqui vaõ advertidos, mostre-a a quem lha possa emendar.

Por estas proposições brevemente apontadas póde Vossa Caridade formar conceito da Theologia dogmatica do nosso Critico, e dizendo, sem mais fundamento que o do seu juizo, que se não sabe no Reino, elle he o primeiro que muito necessita de a aprender, pois mostra, que só della alcança o que sem escolha de bom, e máo foy trasladando dos livrinhos. Se tem descalpa, por não ser esta a sua profissão, he culpado em fallar no que não sabe,

be, e era-lhe muito melhor acommoçar-le com o proverbio latino: *Nec sutor ultra crepidam.*

R E F L E X A M IV.

Da sua Orthographia.

SÃO as palavras tanto proferidas, como escritas, huns sinais arbitrarios, que as naçoens deputaõ; as vozes para com ellas significarem os seus conceitos, e a escriptura para substituirem as palavras; de sorte, que o uzo de cada nação he a ley, que introduz humas, conserva outras, e abroga as que lhe parece: *Quem pates arbitrium est, & jus, & norma loquendi*, como diz Horacio. He este principio certo, e assentado em todas as naçoens, ainda as mais barbaras, do qual se infere o erro do graõ Critico em nos querer introduzir novas palavras, e novo modo de escrever, sem legitima authoridade, nem ao menos apresentar procuração bastante feita em publica forma. Elle mesmo arroga para si esta authoridade, como se só bastasse, e fosse *unus pro cunctis*. As palavras, que uza, são boa fazenda, como estas, que de passo notei: *noto, inoto, aquistar, imprimido, trins do cavalo, acostumar, obscuro, Maen, decernimento, esfogada*, e outras que para se entenderem he necessario hum commento.

Pertende tambem introduzir novo modo de escrever, e muitas se contradiz, que assim succede a quem quer dar regras em tudo. Manda desterrar para fóra do Reino as letras dobradas, e toda a culpa he, por se não expressarem na pronuncia, e lá vay tambem desterrado o *h* pelo mesmo peccado. Tomara saber, que intercessão lhe meteo a letra *u*, ou que privilegio teve, para que tambem não fosse desterrada das palavras, em que se não exprime, como são: *guerra, guiar, esquecer, que, quix, quem, quero, &c.* Além de que he contra o estylo, e uzo commum, que faz ley consuetudinaria; e vindo ás palavras de letras dobradas das latinas, que as tem, he bem que se conservem, e não sejaõ sentenciadas sem serem ouvidas, como *amassem, lessẽm, de amavissent, legissent*. Outras vezes servem para distincão da pronuncia de breve, ou longa; como *andasse, anda-se, conserva-se, conserva-se*; e o remedio que lhe quer pôr com as ritquinhas, bem o póde riscar.

Elle mesmo concede, que se escreva com *h* Herodes, e outros semelhantes, porque o tem no seu original; e porque não bastara a mesma razão para as letras dobradas, e *h*? Acrescenta, que tambem se escreva o *h* na palavra, por não escandalizar aos leitores: de sorte que nos escandalizará faltar a Herodes hum *h*, e não devemos receber escandalo de o tirarem ás outras palavras? Por ventura tem mais privilegio *Herodes*, que foy Rey tyranno, do que *Henrique* nome de hum Imperador santo?

Aqui

Aqui nos quer dar huma nova explicação do *aõ* Portuguez, e nos quer persuadir, que tem hum *m* no fim, e talvez levado deste engano costuma escrever: *razam, mam, amaram, vieram*. Com este modo engana a qualquer estrangeiro, que quizer ler as taes palavras na mesma fórma, que as vé escritas, e lhe dará sem duvida o mesmo som, que a estas latinas: *aman-dam, quendam, legendam, &c.* E ainda dado, que o nosso *aõ* leve no fim *m*, devia nesse cazo escrever *razam, maom, amaram, vieram*, e teria sua galantaria. Não há duvida, que o nosso *aõ* leva *m*, mas não no fim depois do *o*, leva-o entre o *a*, e o, v. g. *razamo*; porém com esta advertencia, que o *m*, não deve juntar-se, nem fazer syllaba com o *o*, mas deve fazer huma syllaba junto com o *a*, e para significarmos isto, se inventou affinar huma plica entre o *a*, e o: desta sorte escrevendo tudo, devia ser assim: *re-ram-o, vi-e-ram-o*. Faça-se agora reflexão em querer ajuntar as taes syllabas na pronuncia, e achatse-ha; que daõ o mesmo som, que damos, quando pronunciamos *razão, vierão*. Daqui vem, que muitos escrevendo esta palavra huma lhe tiraõ o *m*, e em seu lugar affinaõ entre o *o*, e o *a* huma plica, e escrevem *hãa*, e he evidente, que a tal palavras não tem *m* no fim.

Temos tambem huma reprehensão contra os que no sobrescritos das cartas escrevem o titulo de pay, mãy, irmão, cunhado, &c., e no mesmo tempo concede se ponha algum dos titulos da quelle, a quem se escreve, v. g. Ao Senhor Dom Fulano Marquez de tal. E porque razão, escrevendo a quem me não he nada, lhe devo escrever o seu titulo, v. g. de Marquez, e não o hey de pôr a meu pay, a quem devo tanto? Reprova o que fazem alguns nas cartas, que da mesma terra vão de huma para outra parte, e escrevem por baixo o seu nome, v. g. de Pedro João Castello-Novo. Escuzadas advertencias, e exemplos, que traz de outros Reinos. São muito diversas as politicas das naçoens. Na China consiste a politica das cartas em multiplicar as capas de diversas cores, mais, ou menos, conforme a graduacão daquelle, a quem se escreve. Em França, e Inglaterra são tão breves nos sobrescritos, que muitos fazem só menção do sobrenome, e assim o tenho visto. Cá em Portugal temos outro uzo, e he destempero chamar ridicularia ao costume politico introduzido em toda huma nação.

Sobre a pontuacão tem muita graça, em dizer, que depois do ponto nem sempre se deve começar por letra grande. He resoluçãõ muito especial, e por ser contra o sentir commum, he sem duvida, que se moveo a isto obrigado de algum valente, e irrefragavel fundamento, em que até aqui ninguem tinha reparado. Mas qual será elle? Diz que *a letra grande offende a vista*. Que vos parece Irmão? He razão de Cabo de Esquadra, ou não? Nós cá que temos a vista mais gorda, cuidavamos que a letra pequena, quanto menor, se fazia menos visível, e que a grande se via melhor.

hor. Bem grande he o Torriaõ do Paço, e a cada passo entraõ no Tejo náos de linha, e de bom tamanho, e nunca ouvi queixar, que por serem objectos grandes offendessem a vista. O que vos posso segurar he, que quando eu vou pedir a esmola para o Convento, nunca se me offendeo a vista por ver hum paõ grande, quando mo daõ de esmola; se me daõ hum mendreiro pequenino, se me não offende, ao menos não o diviso tanto como ao grande.

E que diremos de julgar, que se devem introduzir no Reino escolas para os rapazes aprenderem a lingua Portugueza? Haverá esta moda em França? O homem tem bellas idéas; he boa moda, que os pays gastem dinheiro para que os seus filhos fallem. Nas escolas de ler, escrever, e Grammatica tanto fallaõ elles em Portuguez, que amofinaõ aos Mestres, e he necessario castigallos, para que se callem. A nossa lingua não he morta, para que os naturaes necessitem de tal diligencia. As razoes, com que prova a sua resolução, são taes como o methodo. Diz que as primeiras palavras, que ouvem as crianças, são das amas, e das mãys, que as costumão pronunciar mal. Se ellas fossem Mazombas, alguma razão teria; mas cá no Reino fallaõ com certeza, e bom acerto grande parte dellas. Demos porém, que quasi todas não sejaõ cultas na pronuncia, será necessario abrir escolas de lingua para as amas, e mãys; e logo huma ley, que nenhuma mulher possa cazar, nem criar, sem ser examinada, e approvada pelo Mestre da lingua, e o officio será de boa renda.

E se em todo o Reino se ha de introduzir este estudo, em humas partes dirão, que já sabem, e que não querem ao Mestre; em outras, que não querem mudar de linguagem, allegando que tal cousa se não uza nos mais Reinos, porque em França há diversidade de fallar nas suas provincias, e o mesmo se experimenta em Italia, e Castella. Verdade he, que os Romanos tinhaõ escolas da sua Grammatica; para isso tinhaõ especial razão, por ser a lingua Latina cheia de muitas regras, e excepções, falta de nomes, e verbos anomalos, e summamente miuda na conjugação dos verbos, e na syllaba, e foyhes preciso este meyo para fallarem certo, e cultamente. Porém na nossa não há essas miudezas, e com uzo se aprende muito bem, como vemos por experiencia.

O methodo, que manda guardar a estes novos Mestres da lingua tem cousas lepidas. Diz, que ensinem aos rapazes conhecer a propriedade das palavras, naturalidade da fraze, fugir da affectação, e escrever cartas. Mas quem ha de meter na cabeça a rapazes, ou crianças de poucos annos saberem distinguir, que cousa he affectação de palavras, naturalidade de fraze, e escrever cartas? Se não hajaõ de sair da escola sem saberem tudo isso, eu jurara, que lá se deteriaõ até serem barbados, e casados. Só não approva, que nestas escolas se reja a Grammatica, que he nota, que poem ao Padre Argote; bem podera advertir, que este douto Padre não compoz

a sua arte para os naturaes, mas muito em particular para os estrangeiros a quem a nossa lingua não he materna.

Tambem requer hum bom dictionario, que o da Profodia não presta; e não se accomoda com o do Padre Bluteau, porque he em muitos tomos, e se fosse em poucos, teria o achaque de ser breve; e tambem lhe nota, que traz palavras plebeias, e antigas. Pois se estas já se não uzaõ ordinariamente, como saberemos o que significavaõ, se nos não ficar lembrança dellas nos dictionarios? Quanto as palavras plebeias, bom remedio seria, se as fossem aggregando á nobreza, e as de mayor merecimentos alcançassem seu filhamento. Por ultima conclusaõ, esta primeira Carta he escuzada, e o tempo, em que se escreveo, melhor seria gastallo em rezar pelas contas.

R E F L E X A M V.

Da Grammatica, e Latinidade.

NEsta Carta promete com grande segurança, que a Grammatica se aprenderá fundamental em hum anno. Bem sey que o prometter he facil, e muito diverso de cumprir. Para isto reprova os Cartapacios, que andaõ em vulgar, e para fazer o cazo mais feyo, multiplica os que são identicos, e declara os que não andaõ em uzo geral para accrescentar o seu catalogo. A Arte de Manoel Alvares fica no seu supremo tribuual reprovada, e sentenciada a desterro, por ter máo methodo; ser composta em latim, e trazer muita cousa escuzada. Mas fazendo reflexaõ em quanto diz nesta sua Carta, nada apparece ao intento: ao menos nos contentariamos se apparecesse com o livrinho em doze, que segura póde incluir tudo, quanto he necessario para se saber Grammatica; mas ainda não julgou, que mereciamos esse seu favor: não deixe de o fazer quando for servido.

Em primeiro lugar, quanto ao ser composta em latim, tem mostrado a experiencia, contra aqual he imprudencia argumentar, que com ella tem estudado, e estuda muita gente boa, e com grande aproveitamento, tanto no Reino, como fóra delle; e bastará por prova, que estudando Sua Merce por ella, sahio taõ eminente na Latinidade, como em tudo o mais, que admiramos neste seu methodo geral. Ella lá traz as Linguages com o Portuguez correspondente; para os Nominativos era escuzado, como se vê; o mais estudado logo na lingua Latina conserva-se muito melhor na memoria, do que se fosse em Portuguez. Eu tambem andey nas classes, e posso affirmar, que alguma cousa, que me lembra das suas regras, são das Latinas, e dellas me valho para construir quatro palavras, e escrever outras quatro; e o mesmo haõ de experimentar todos, porque o Latim he para

se conservar na memoria, e não para se deixar nas classes, quando se deixo para subir a outras maiores.

Para que os rapazes, em quanto aprendem, entendão as regras, se lhes poem o seu sentido no Cartapacio de Generos, e Preteritos, e isto mesmo se uza nas outras Provincias. A Syntaxe traz na Arte o preciso das regras; como porém he só compendio: a falta de muitos usos de Verbos, e nomes se suppre com o Cartapacio, ainda que não se obrigaõ os estudantes a darem conta de tudo, reservando para os que pelo tempo adiante quizerem saber todas as miudezas, o mais que fica no Cartapacio, e tambem as curiosidades do Promptuario, que he huma breve, e pequena parte do muito, que adverte o insigne, e erudito Padre Vellez. Tudo isto he preciso, para se aprender huma lingua tão vasta em preceitos, excepções, diversos modos no uso dos Verbos, e Nomes, que até os mesmos naturaes della se valiaõ de livros, e escolas para a saberem bem; e muito mais sendo para nos morta, e sómente tirada dos livros, que são os monumentos, que della nos ficaraõ. E quem com madureza de juizo ponderar as difficuldades, que tem o aprender esta Grammatica, tem por fatuidade affirmar, que se póde saber em hum anno.

O methodo, que segue Manoel Alvares, he o melhor, que até aqui tem apparecido, em quanto não sahe à luz o livrinho em doze, que nos promette; e esta foy a causa porque o Geral da Companhia com o maduro conselho de homens doutos quiz a introduzirem nos estudos; mas isso, não podia obrigar aos outros Mestres, que em todas as partes abraçaraõ, e servir de preceitos para usarem della. Para credito desta Arte basta ver, que em toda a Europa he venerada, e seguida com bem pouca mudança accidental; e que estudando por ella tem sahido muitos eminentes na lingua Latina; e era impossivel sahirem bons Latinos estudando por regras más, assim como não podem sahir rectas as linhas tiradas por regra torta.

Mas para que se veja o nada, que contra o methodo desta Arte prova o Senhor Critico, façamos este discursão. He sem duvida, que para o Latim he preciso saber Nominativos, para declinar os nomes, tanto os regulares, como os anomaes; e tambem saber Linguagens para a declinaçãõ dos Verbos. He igualmente preciso saber os Generos dos nomes, e os Preteritos, e Supinos dos Verbos para a formaçãõ dos mais tempos. Não se póde negar a necessidade, que ha de saber Syntaxe para pôr certos os casos, e a Syllaba para não errar na pronuncia. Não haverá quem negue serem *necessario* estas coisas, salvo se nunca aprendeo *Musa, Musa*. Pois isto he o que traz a dita Arte de Manoel Alvares: e para ser completa, e acharem nella tudo o que resta para aprender com perfeiçãõ, enina a Syntaxe figurada, mediçãõ, e variedade de versos, que se achaõ nos Poetas, e finalmente o uso dos acentos. Para o Critico provar alguma coisa ao ponto, devia mostrar huma de trez cousas contra a Arte; erros nas re-

gras, falta das precisas, e superfluidade. Em quanto não mostrar alguma destas cousas, não diga mal de huma Arte, que tem por assumpto ensinar a fallar bem.

Os estudantes negligentes lhe devem estar muito obrigados, porque não quer os mandem os Meftres castigar, mas que os soffraõ com paciencia, e procurem attrahillos com premios. Bom conselho. Mas o pay, ou mãy, que se acha em casa com cinco, ou seis, vê-se amofinada com elles, e que fará hnm pobre Mestre às vezes com duzentos? Os pays castigão-nos, e os Meftres que os tratem como se fossem de vidro de Veneza? Castigar os discipulos com a palmatoria era tão uzado entre os mesmos Romanos, que para Juvenal explicar, que andara no estudo do Latim, explicou-se com dizer, que tambem nos primeiros annos levára suas palmatoadas: *Et nos ergo manum ferula subduximus*: de modo que he synonymo andar na classe, e provar a palmatoria.

E sem duvida, que não sabe que ha rapazes, que levarão os premios dos Meftres, e nem por isso pegaráõ em hum livro; e são como os peixes, que comem a ilca, e não ficaõ prezos no anzol. Diga-nos neste caso, que remedio lhe occorre, e muito mais, quando os mesmos pays os vem accusar, e encommendar aos Meftres, que os castiguem: e que hão de fazer, quando por sua culpa faltaõ ao estudo, huns jogão os murros com os outros? Quando andey no pateo, ainda que fuy negligente, bem conhecia, que o Mestre tinha muita razãõ em me fazer castigar; tambem conheci os que nunca levarão castigo, porque eraõ tão cuidadosos, que não o mereceraõ; mas estes são poucos, aos mais he necessario às vezes levá-los por medo; porque aquella idade ordinariamente não he ainda capaz de se levar por brio. Se o Critico era dos que nunca mereceraõ castigo, e trouxe o brio do primeiro dia, em que nasceo, dê graça a Deos, e deixe aos Meftres fazer o que entendem, que o castigo das classes não faz dano à saúde dos estudantes.

Se dermos attençaõ ao que manda neste seu Methodo, que estudem os que frequentaõ a Latinidade, he insopportavel a carga, que lhe quer acrescentar. Ordena-lhe, que estudem Geografia, Chronologia, escrever cartas, e Historia para entenderem os Poetas, além de repetirem comprimentos em Portuguez huns aos outros, e outras arengas, que são fóra de tempo, e lugar. Para se construir este verso de Virgilio: *Troiaque nunc stares, Priamique arx alta maneres*, he preciso saber, em que parte da Asia menor, hoje Natolia, ficava Troya; se longe, ou perto da praya; quanto distava da Grecia; quando se fundou, e por quem; quando se queimou; que idade tinha Priamo, e quantos filhos tinha. Que parentesco tem estas erudiçoens com o Latim?

Finalmente diz, que he superfluo, que se estudem versos de cór, porque he cansar a memoria; sem advertir, que o estudo de cór não a can-

fa, antes a faz mais prompta, contórme o axioma bem vulgar: *Memoria excolendo fit.* Por despedida ordena, que os Humanistas saibaõ lingua Grega, e Hebraico para entenderem os livros, como se naõ estiveffe tudo muito bem explicado nos commentos satinos. Naõ sey porque naõ lhe aconselha, que aibaõ Francez, Italiano, Tudesco, Inglez, e por curiosidade a lingua de Angola, e a dos Tapuyas do Brasil. O certo he, que as suas criticas da Grammatica, e Latinidade, bem se pôdem levar *ad vendentes thus, & odores.*

R E F L E X A M VI.

Da Rhetorica, e modo de a estudar.

N Esta Critica parece, que se alteraraõ os humores do Muito Reverendo, e fez huma satyra bem descomedida. Antes de tudo supponho, que ha duas Rhetoricas, huma natural, que se acha nos homens com bastante desigualdade, e pôde acontecer, que hum rustico exceda nella a hum grande estudante; e por esta razãõ pouco se devia Sua Reverencia admirar, quando vio (como diz) hum sujeito sem letras exprimir o seu sentimento melhor, que muitos Rhetoricos. A outra he artificial, de que se trata aqui, e serve para aperfeiçoar a natural, porque *ars perficit naturam.* Naõ ha duvida, que he bom o estudo desta, e que he util para Oradores sagrados, e profanos, Poetas, Historiadores, Compositores de cartas, e qualquer outra composiçaõ, e em qualquer lingua. Tambem concedo, que ha muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco usaõ desta arte de fallar, e observaõ mal os preceitos della, e quando muito servindo-se só do natural confórme Deos lha concedeo; mas naõ queira impurrarnos todo o panal, que tambem pelas outras naçoens ha bons, e máos; porque nos bosques ha páos direitos, e muito tortos.

Porém, que culpa tem disto a Rhetorica de Pomey no seu *Candidatus*, e a do *Arriadne Rhetorum*, para dizer, que naõ saõ boas? Talvez cuidaria, que os Authores eraõ Portuguezes, e esqueceolhe de censurar a celebrada do nosso Cypriano. Para ser racional a sua censura, devia affinar os eros, que achou nellas, mas a sua teima he dizer mal, e basta que lo diga yo: quando muito acode à sua costumada cantilena: *Que naõ tem methodo, e que he escura*; e com isso se mete tambem no escuro passando adiante, tudo em geral, e nada ao ponto. E he de advertir, que querendo mostrar o que se deve aprender da Rhetorica, nada aponta, que se naõ ache nos mesmos Authores, que censura, nem era possivel o contrario, salvo se quizeffe inventar nova Rhetorica, que para tudo he o seu grande talento. Lá diz que sabe de huma, cousa boa, em Portuguez, e nos deixa o desejo de avermos; mas naõ a quizeramos em Portuguez, seria mais engraçada

graçada em Latim, e de caminho admirariamos a sua culta Latinidade: em tanto que ella se não publica, aconselha-nos, que a estudemos por Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino; e como se dissera, que para ir a Roma, vamos pela Persia, Se ca a temos mais perto, para que he buçalla longe?

Vale muito pouco a digressão, que faz, satyrizando aos Prégadores. Algumas cousas finge, mas se são verdadeiras, sejaõ embora: já disse, que em todas as partes ha bom, e máo. Para ficar mais celebre a sua Critica, desfaz no Padre Vieira, querendo persuadir, que não fora Prégador, nem tivera estimaçãõ em Roma, e traz notadas varias clausulas dos seus Sermoens. De nenhuma sorte quero gastar tempo em defença de Vieira, elle de tal sorte mereceo os applausos; tanto em Portugal, como fóra d'elle, e particularmente em Roma, que per si se defende, e he Mestre dos Prégadores: *Rumpatur quisq̃is rumpitur invidia.*

O Critico diz, que as Cinco pedras de David, que prégou em Roma fóraõ seixadas espirituaes, alguém diria, que a censura era de couces; eu tal não digo, só me quer parecer, que fallar em pedradas he rapaziada. Se lesse em Santo Agostinho no *tr. 58. in Joannem* explicar, e moralizar as duas vezes, que Moysés ferio a pedra no deserto: *Gemina percussio duo ligna crucis significat*, que pancadas não daria contra a explicação do Santo! Se lesse no Sermão de *Tempore 197.* fallando do desafio de David contra Goliath: *Venit verus David Christus, qui contra diabolum pugnaturus suam crucem ipse portavit: videte ubi David Goliath percussit, in fronte utique, ubi crucis signaculum non habebat; sicut enim baculus crucis typum habuit, ita lapis ille, de quo percussus est, Christum Dominum figurabat.* Aqui diria, que andava Santo Agostinho às seixadas? Seria bom conselho não se meter a fallar no que não sabe; e escuzaria de afirmar, que a Historia do futuro era o *Clavis Prophetarum.* Bem mostra, que o não vio, porque este he *De regno Christi in terris confirmato*, e póde casar sem dispensa com a Historia do futuro, que foy huma mera curiosidade do Vieira.

Tornando ao ponto. Ha dous modos de prégar, hum puramente oratorio, sem uzo de conceitos, e só apontando os textos da Biblia no sentido literal. Este he o estylo do Padre Señeri, e muito usado em Italia, e d'elle usa o Padre Bordalo, Francez; he proprio para sermoens de missãõ, porque serve para melhor excitar o auditorio à penitencia, e emenda das vidas; e por isso prudentemente se conclue o seu epilogo com o acto de contriçãõ, lugar muito proprio, quando já os ouvintes se suppoem dispostos; o que com assaz imprudencia impugna o Critico, dando nos conisto a conhecer, que não querendo a misericordia, será merecedor do Hospital.

O outro methodo he usando de conceitos tirados do sentido allegorico da Escritura, de que mais se agradaõ os nossos Prégadores, e os Hespanhoes.

panhoes. E se o Prégador une o bom discursio, e bem deduzido do seu assumpto com o conceito posto em seu lugar, não ha duvida, que he agradável; e por esta causa foraõ ainda em Italia taõ applaudidos os Sermoens de Vieira. Nem este modo de usar das Escrituras he alheyo, antes muito familiar aos Santos Padres. Assim o mostra o lugar acima apontado de Santo Agostinho. O mesmo estylo se lê no *Serm. 45. de diversis*, e na *q. 13. ex Mat.* e outros lugares. Este uso he familiarissimo a S. Gregorio Papa: basta por exemplo ler a sua Homilia 29. na qual expoem o texto: *Elevatus est Sol, & Luna stetit in ordine suo*, accommodando a Christo o nome de Sol, e à Igreja Catholica o de Lua. O mesmo estylo se acha em S. Jeronymo na *Epist. 2. ad Nepotianum*, tom. 1. E he taõ frequente este sentido na Escritura, que tem muitos lugares, que de nenhuma sorte se pôdem tomar no sentido literal, como quando se diz no Gen. que Deos se arrependera de ter creado ao homem. Não quero dizer, que todo o Sermão deve constar de conceitos huns enfiados com outros; que se estes criticasse o Author, *vale in pace.*

Não me fica sem reparo dizer o Critico, que a obrigação dos Qualificadores do Santo Officio he serem defensores dos livros; mas he ignorancia, porque são Censores, que devem informar ao Tribunal; se os livros são dignos de se imprimirem, e tambem denunciar os que apparecem impressos, e trazem cousas dignas de censura, como este Methodo, que por isso ficou recluso nos carcerees da Inquizaõ. De caminho os culpa de fazerem aos livros approvaçoens laudatorias. Não se compadeça de que tomem esse trabalho; e se lhe parecer, não as leya, que não he obrigação. Se tem disão inveja, bom conselho, mande imprimir no Reino estas suas Cartas, e eu lhe prometto, que não faltarão a lhe fazerem os elogios merecidos: ainda que seja seu Revisor aquelle panegyrista, a quem argue de ter *presumpção desmedida*. Veja, não lhe dê o rayo em casa, e saiba, que tem o telhado de vidro: mas não ha cego, que se veja.

R E F L E X A M VII.

Da Poesia.

Nesta Critica diz, sem mais que o seu querer, que os Portuguezes não são Poetas, mas huns meros versejadores. Lendo porém toda a sua arenga, só encontro hum largo discursio da diversidade, que ha de composições, como se nos fosse necessaria essa crudiçaõ, e culpando no seu tribunal os elogios, e pelas notas, que traz contra os que aponta, bem mostra, que não sabe, qual deve ser o seu estylo. No titulo da Carta promette a nova idéa de huma Arte Poetica, mas esquecco-lhe, julgando não ser obrigado a cumprir todas as suas promessas. Salvo se a Arte

promettida se inclue naquellas regras, em que diz, que se faça o Poema com arte, com invenção, e com modo. Grande idéa! Muitas outras darey eu da mesma casta V. g. para fundir finos de boas vozes. Derretaõ-se os metaes com devida proporção; faça-se a fôrma com arte, e com a grossura, e altura, que manda a regra, e sahirá hum bom fino, que não tenha inveja aos de Mafra. Prepare-se a madeira, como he bem, a quilha se arme na sua justa proporção, as cavernas levem a altura, e bojo necessario, os mastros, e velas na medida proporcionada, e temos huma não bem feita; e assim discorrendo pelos mais artefactos.

O seu mayor empenho he censurar as obras poeticas, e nem Virgilio nas Eclogas lhe escapou, sendo que estas são as mais celebradas. Camões nada vale, e ainda que o verteraõ em Italiano, diz, que não foy porque o estimassem; e dá por prova, que tambem o Vieira se traduzio em Italiano, sem que aquella nação o estimasse. A prova he de rapaz. Não se canse, que não ha de tirar a Camões a estimação, que merece de Principe dos Poetas Portuguezes. Dá outra prova tão boa como a primeira, e he porque usa de muita finalêta. E que dirá de Virgilio naquelle seu verso, que não he das Eclogas: *Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum?* Accrescenta, que traz versos errados. E não seja culpa das muitas impressões, que delle se tem feito, quando este seu Methodo, cahio em tantos erros logo nesta primeira impressão, como mostraõ as suas erratas? Se porém errou Camões, não imite os erros, porque effes não impedem, que o mais seja bom, e *hominum est errare*; e por satisfação construa estes versinhos: *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis, quas aut incuria fudit, aut humana parum cavit natura.*

Passa logo à censura dos versos de Fr. Antonio das Chagas, e vem-se o mundo abaixo, porque differa em hum verso *agradables daños*, julgando, que andaõ alli os trocadilhos aos murros. E porque? Porque os danos se nam podem dizer agradaveis? Grande difficuldade! Não achou a Igreja Catholica inconveniente em chamar à culpa original de Adaõ, como lemos no Officio do Sabbado santo: *O' felix culpa, que talem meruit habere Redemptorem*; e he grande desácordo dizer, que ha danos agradaveis. Ha erros, que são certos, e por isto he adagio latino: *Rectum ab errore*. Quantas vezes de hum damno nasce huma grande felicidade? Em huma occasião deraõ huma estocada a hum homem, e a espada lhe furou huma postema, que tinha no interior, e lançando-a pela ferida, ficou livre della. Outro, dando huma grande pancada com a cabeça, ficou com seu juizo perfeito, sendo até entãõ mentecapto; e porque se não podia dizer, e muito mais na Poesia, que aquella pancada, e estocada foraõ agradaveis? Outros peccados teria o Chagas, que chorar, que aqui não ha materia de absolvição. Causa seu divertimento ler a censura, que se dá à descripção de hum grande nariz nos versos seguintes. Era-

*Era-se un espolon de una galera,
Era-se una pyramide de Egypto,
Las doze tribus de narizes era,
Era-se un narizissimo infinito
Muchissima nariz, nariz tan fiera,
Que en la cara de Anax fuera delicto.*

Nam pode levar à paciência, que o Poeta pintasse em hum só homem hum nariz, que se podia repartir por muitos mil, e que he cousa alheia da razaõ, que haja nariz do tamanho de huma pyramide de Egypto. Pois, nosso Irmaõ, não quer dar licença aos Poetas para uzarem de hyperboles? *Pictoribus, atque poetis Quidlibet audiendi semper fuit æqua potestas*: e repare no *semper*, que denota posse immemorial: e de mais de cem, e duzentos annos. Se as exaggeraçoes não servem os Poetas, a quem quer que sirvaõ?

Consultemos neste grande cazo a Virgilio, que tem voto na materia. Quiz elle explicar o grande olho, que Polifemo tinha na testa, e disse que era do tamanho de hum escudo Grego, e não menor, que o globo do Sol, conforme parece à nossa vista. *Argolici clypei, aut Phæbeæ lampadis instar*. Para dizer que era de estatura agigantada, diz que entrando até o meyo do mar, ainda as ondas lhe não chegavaõ ás costas: *Graditurque per æquor jam medium, nec dum fluctus latera ardua tinxit*. Disse, que o cavallo de Troya era como hum monte *Instar montis equum*; e as obras da fortaleza de Carthago as poz na altura do Ceo. *Pendent operæ interruptæ, minaque Murorum ingentes, æquatæque machina Cælo*. Se quer mais, affinarey exemplos sem conto. Sendo pois este modo de exaggerar taõ familiar aos Poetas, que lhe fez aquelle nariz para cortar por elle? He verdade, que como he grande, ainda lhe fica que repartir.

Empenha-se em louvar hum Soneto, de que está taõ pago, que duas vezes o repete na sua obra por exemplar, e devia ser obra sua. Tem por assumpto mostrar, que huma dama era formosa por ser feya. Só quero apontar as primeiras quatro regras por amostra do panno, e são as seguintes.

*Es feya, mas desorte, que horrorosa
A tua vista he bella a fealdade;
Mas tens tal fortuna, que a enormidade
Te consegue os tributos de formosa, &c.*

Euge, Poeta, não há mais que dizer. Mas com sua licença, se vay a fallar sem lisonja, o Soneto não tem pés, nem cabeça. Duas vezes repete aqui a palavra *mas* sem graça, e com mão artificio. Nas quatro re-

gras se acha hum horrendo pleonasmo , porque as primeiras duas dizem o mesmo que as últimas , como se diseramos: Bacalhao com ovos , ovos com bacalháo. E ainda não está toda a conta nestes reparos. Os Poetas tem licença para uzar de hyperboles , mas ainda não alcançaraõ facultade para unirem hum contraditorio com outro , porque isso he impossivel. A fealdade he contradictória da fermosura , e tanto póde o feyo ser fermoso , como a luz escuridade , o bo n máo , e o torto direito. Póde huma mulher ser fermosa por huns predicados , e feia por outros , v. g. feya na cara , e fermosa do entendimento , e graça no cantar ; feya nos olhos , se for bem torta , e bem feita no corpo ; mas a fealdade ser fermosa , e a fermosura feya , he impossivel , e querer persuadillo he bom despropósito. O mais que diz sobre a Poesia não merece repostta , mas total desprezo.

R E F L E X A M VIII.

Da Logica Aristotelica.

Muito perdeu Aristoteles por não viver neste tempo , em que podia aprender deste Critico geral novo methodo de compor: na verdade diz delle tantos males , que se soubesse onde estavaõ seus offiõs , era capaz de os mandar á queima. A principal causa he porque admittio formas substanciaes , e accidentaes ; muitas vezes repete esta queixa , e eu podendo desprezalla , sempre venho a cahir na tentação de responder alguma cousa , tendo já dito o que basta , e sobeja na Reflexão III. Digo agora pelo contrario , que entaõ seria culpado , se não admittisse taes formas substanciaes , e accidentaes distinctas ; e que não he pequeno louvor de hum Filosofo gentio , que sem a luz da Fé atinaisse com verdades taõ proprias dos dogmas da nossa Religiaõ , e dou razãõ do meu parecer , *habita venia* de Sua Reverendissima , ou Sua Merce.

Não póde negar , que a alma racional seja fórma do corpo , como lhe chamou o Concilio Lateranense , nem tambem que haja accidentes na substancia , pois além dos accidentes da Eucharistia , de que fallarey em a Reflexão X. da Fyfica , sabemos que ha actos do entendimento , e da vontade assim naturaes como sobre naturaes de atricãõ , contricãõ , &c. Ha habitos infusos de Fé Esperança , e Charidade , e esta se perde pelo peccado grave , e se recupera com a graça , que tambem he accidente , e este , e os mais distinctos da alma. Sua Merce não póde negar isto *salva fide* ; pois estamos concordes na realidade. Se o confessa , toda a bulha consistirá no nome : nós chamamos-lhe formas accidentaes , e à alma racional fórma substancial: bautize-as lá com outros nomes , ainda que não sejam dos que manda o Ritual Romano , que nem lho impediremos , nem nos fará novidade , & *sublata est omnis dubitatio.*

Nesta

Nesta Carta vay trasladando huma grande, e erudita narraçãõ de Filosofias, que houve, e como se propagaraõ, e extinguiãõ, os seculos em que floreceraõ, e os Authores que as ensinaraõ, com tanto magisterio, que tremem os cunhaes do palacio Filosofico, e de Minerva. Todas essas historias, sejaõ ou naõ sejaõ assim, lhe concedemos de boa vontade; e que se tira dahi? Nada. Tambem confessamos com todo o coraçãõ, que a Filosofia experimental, e os seus instrumentos saõ dignos de toda a estimaçãõ; mas com tudo isso, ainda que sue pela testa, naõ ha de provar, que essas experiencias destroem o systema Aristotelico: appareçaõ as balanças para pezar o ar, que para bem se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar naõ tem mixtura de vapores, e exhalaçõens, que facilmente podem causar esse pezo; mas dado que peze o ar, diremos que Aristoteles, se disse que o ar era leve, ou fallou respectivé aos corpos crassos, ou se enganou; e por taõ leve culpa logo o havemos de desterrar? He muito rigor; quanto mais, que terã a desculpa, que *pelo peccado ficamos sujeitos ao engano*, como Sua Merce diz na l. p. fol. 253, e Aristoteles-tambem era filho de Adãõ para incorrer nesta pena. E aqui mesmo o mostra nesta Critica discorrendo largamente sobre as cauzas, que temos dos enganõs, e das más idéas, que formamos; e só Sua Reverencia pela graça de Deos está izento dellas.

Arma logo huma grande bateria contra a ponte de Aristoteles, que intitula dos Assnos; e com razãõ, porque nella se daõ a conhecer os que o saõ. Naõ se atreve com tudo a afirmar, que a formaçãõ dos syllogismos nas suas figuras contenha erros; mas sim que saõ embaraçados, e que tirando alguns da primeira figura, saõ superfluos, e ninguem uza delles argumentando. Tudo isso cá para nós he já velho, e o confessamos com o Padre Arriaga, que he Aristotelico. Já que fallamos em argumentos, saibaõ todos os arguentes, que naõ devem gritar nas conclusõens, porque se escandaliza muito disso Sua Reverencia, e he justo, que se lhe faça a vontade. Tambem confesso, que as nossas Filosofias andaõ cheyas de muitas questõens, que se podiaõ omittir, e disto tem culpa os arguentes, que deraõ em levantar tantas duvidas, que saõ a caula de que os Mestres as tratem. Ao menos servem para apurar o discursõ, e com a percepçãõ destas chamadas galantarias da Escola fica um estudante habil para perceber qualquer difficuldade mais embaraçada. Se naõ está por esta razãõ, e diz que saõ superfluas, *transcat*. De quantas superfluidades se uza para o ornato do corpo, como saõ polvilhos, cabelleiras, sedas bordadas, &c.? Quanto dinheiro se gasta em adereçar huma sala com cadeiras, espelhos, cortinas, pannos, e vidraças? Que peccado he, que os studiosos lidem com questõens, que ornaõ, e desembaraçãõ o bom discursõ?

E que diremos da incoherencia, com que falla dos syllogismos? Huma vez os condemna, e logo os approva; já diz, que entraõ em tudo,

e a poucos passos, que sem elles se póde discorrer. Ora asentemos em huma cousa. Tambem se esfórça a provar, que ha questoes mais faceis de entender sem explicação do que com ella: traz este exemplo do vinho, que he de prova. Se dissermos a hum rapaz: Vês aquelle ramo na porta? pois significa, que alli se vende vinho; mais facilmente o entenderá do que se lhe disser: Este ramo signal arbitrario, e com dependencia da vontade he imposto para significar vinho. Vio-se frioleira semelhante? Tambem se eu disser ao rapaz: *Ramus ad ostium appensus significat vinum venale*, não me ha de entender; não por ser escura a explicação, mas que póde entender quem não sabe Latim? Da mesma sorte mal entenderá a explicação em termos Filosoficos, quem não he filósofo. Se eu disser a hum rustico: O Sol anda á roda da terra, e huns mezes faz huns dias maiores, e outros menores, melhor me entenderá, do que se lhe fallar por termos mathematicos em Equinocio, Solticio, Zenith, Apogeo, Perigeo, Meto recto, obliquo, e de trepidação. Sem duvida, que a explicação deve ser em termos acomodados ao que ouve, e não como fazia hum, que rogando ao barqueiro o trouxesse de Santarem a Lisboa, lhe disse assim: Douto, e perito nauta, levaine na vossa cava cimba pelas ondas de Amphitrite até a minha cara patria.

Deixando porém o cazo da explicação do vinho, que he cousa de rapaziada, vamos ao principal. No titulo da sua Carta nos promete o Critico dar a idéa de huma boa Logica, e nella se não acha outra, senão esta, que traslado pelas suas mesmas palavras da pagina 262, e são as seguintes: *Entender os vocabulos, determinar as questoes, separar as partes dellas, fugir de todo o genero de equivocos, fugir das escuridades, estabelecer termos communs, e claros, entender os testemunhos para a historia, antiguidades, cronologia, geografia. Para a Fysica as noticias das melhores expertencias, ler o contexto, e ver as mais cousas, que apontão os outros para não errar no criterio, ter presentes os canones, que communmente se affinaõ para distinguir as obras suppostas das verdadeiras.* Que vos parece a ingrezia? Nam póde haver coisa mais escura, tudo palavras geraes sem alguma explicação, como se differa: Ideia para fazer papeleiras: Preparese madeira, não falte grude, tornos, tinta, e o que mais for necessario, tudo se ajuste conforme a arte, e temos papeleira. E pergunto eu: que cousa he entender os vocabulos, e quaes são? Que cousa he determinar questoes, e separar parte dellas! Nada disto se explica; e se tomarmos estes preceitos na generalidade, que soão, não basta a vida de Manufalem para se saber esta Logica. Cuidaráõ alguns, que fugir das escuridades he estar sempre com luz. A verdade he, que quando o Critico escreveu esta idéia logica, estava cuidando em outra cousa.

REFLEXAM IX.

Da Metafísica.

Muito se empenha este grande homem em censurar o modo, com que os Aristotelicos tratao a Metafísica, compadecendo-se do trabalho inutil, que tomam em tratar tantas questoes. Agradecemos a charidade fraterna, e o zelo que tem do nosso descanso. Tambem louvamos muito a grande urbanidade com que aceita os elogios, que lhe dá o seu correpondente, e isto sem sombra de vaidade, pela idéa da nova Logica, que deu na Carta antecedente, que he excellente, e póde servir para enbrulhar cominhos. De caminho lhe encomenda não publique as suas Cartas, tenão a quem as entenda. Oh quem serão estes ditos! E logo dá a razão porque ha jaizos de pedra, e cal, e cabeças duras.

E V. m. meu amo entende, que não são bons estes juizos? Vá vendo as circumstancias, que tem as paredes de pedra; e cal. Ellas tem fundamento, e começo de lugar mais solido; e assim deve ser o juizo do homem, ser bem fundado em alicerces solidos de boa doutrina. Estas paredes compoem-se de pedras postas em boa ordem, muitas dellas lavradas todas, direitas, e a prumo. E não he proprio de hum bom juizo compor-se de noticias bem ordenadas, lavradas com o trabalho dos estudos, noticias, que vão direitas á verdade, e por isso bem aprumadas! As taes paredes são fixas, e firmes no seu lugar, e sempre com pezo: e não he este juizo melhor, que o leve, o qual se inclina para onde correm os ventos, e com perigo de dar muita cabeçada? A parede de pedra, e cal toda he solida por dentro; o juizo, que não tem esta solidez, he vão, e oco. Chamalhe V. m. cabeças duras: pois agradao-lhe as moles, que não tenhao calço, ou se os tem, são de cebola! Se são duras, por se não amolgarem aos seus documentos, fazem muito bem, e não querem consentir em destemperos; tenha paciencia, e buique quem o creya, que o mundo he largo, e nelle há gente para tudo.

Tornando ao nosso ponto. Depois de fazer huma digressão, explicando que cousa he Metafísica, assenta que he inseparavel da Logica, e Física. Se quizer dizernos, que humas partes tem connexão com as outras, tudo lhe dou; e ainda digo mais, que de baixo do unico titulo de Ente metafísico se póde tratar toda a Filosofia, como fez o Padre Soar. *Granat.* em hum só tomo. E se quer ainda mais, digo, que o titulo de Ente he tão universal, que de baixo d'elle se podem tratar todas as artes, e sciencias, porque tudo he ente: isto porém não obsta, que se possa tratar estas partes do ente separadas, e devididas em varias materias; huma considerando o ente de hum modo, e outra de outro; nem nisto ha verá peccado, que levemos aos pés do Confessor. Des

Deſta digreſſão deu-lhe o fiato em cenſurar a Feijó, e a culpa maior he, porque nos ſeus livros ſe aproveitou do que traziaõ os outros: bem podera advertir no noſſo adagio: Em caſa de ladraõ naõ fallemos em corda. As obras do Padre Feijó ſão muito eruditas, e ſobre modestas, e comedidas, naõ nomeaõ peſſoas determinadas, dizendo que eſtes ſão maõs, aquelles peyores; huns naõ eraõ taõ ſabios, como ſe dizia, e outros naõ tiveraõ a eſtimaçaõ, que ſe inculca; fulano naõ ſoube prégar, e fulano naõ entendeu o que diſſe. Mas para ſe alcançar de huma obra, ſe he eſtimada, repare-ſe no gaſto da impreſſão; a de Feijó todos a querem, a do Critico geralmente he aborrecida, e desprezada, como merece. Conclue afirmando, que naõ necessita de Feijó, quem tem boa Logica, como ſe eſta foſſe hum conglobado, de todas as couzas. Eu naõ ſou muito verſado em historias, mas ainda me atrevo a contar-lhe hum par de duzias, ſem eſtar nenhuma dellas na ſua celebrada Logica.

Segue-ſe agora huma grave, e muito ſéria reprehençaõ aos Peripateticos, porque ſe fundaõ no prejuizo das fórmãs diſtinctas, e por iſſo naõ merecem, que ſe lhes reſponda. Grande perda! E alguẽm pergunta-lhe por iſſo? Mas dezejo ſaber, ſe as fórmãs diſtinctas ſão alguns manjares de má qualidade, que cauſem prejuizo na ſaude, ou ſe ſão como arpias, que roubem o dinheiro; porque neſſa ſuppoſiçaõ iremos mais attentos com ellas. Notavel he a lida, que tem com as fórmãs diſtinctas! Mas viſto falar nellas tantas vezes, tambẽm me dará licença para eu fazer o meſmo, e viſto naõ nos fazer a graça de reſponder, ao menos tenha a bondade de ouvir.

Huma couza a que chamaõ *Alma racional*, e he eſpiritual, ſerá diſtincta do corpo, com o qual faz hum compoſto, que ſe chãma *Homem*? Affim o diz Santo Athanaſio no ſymbolo da Fé, e aprovado pela Igreja Catholica: *Sicut anima rationalis, & caro unus eſt homo*. Como ella he ſuſtancia, e naõ materia, poderemos chamalla *Fórma*? O Concilio Lateranenſe na Seſſ. 8. dalhe eſte nome. Ora pela bondade de Deos já temos tantos milhares de fórmãs eſpirituaes, quantos ſão, foraõ, e haõ de ſer os homens; e tudo iſto ſem perda, ou prejuizo. Vamos ás fórmãs ſubſtanciaes materiaes. Os peixes (e daqui ſe argumenta para os outros animaes) teraõ alma, que he o meſmo, que fórma material, que os faz ter vida? Se nega, lá ſe avenha com S. Joaõ no ſeu Apoc. cap. 8. no qual diz: *Facta eſt tertia pars maris ſanguis, & mortua eſt tertia pars creatura eorum, que habebant animas in mari.*

Paſſemos ás formas accidentaes. A graça ſantificante he inherente a alma do juſto, como diz o Tridentino, que he bom Author; com ella ſe infundem os habitos ſobrenaturaes das virtudes, o que tambẽm diz o Concillio Moguntino. Alem diſto, Deos nos dá auxilios da ſua graça para obrarmos bem: temos actos de entendimento, com que julgamos, e da

da vontade com que amamos, ou aborrecemos; temos nossos actos de tantaia, e outros de dor, tristeza, alegria &c. Estas couzas são distinctas da alma, e não são subitancia: pois que são? Os que vamos direitos com os dogmas da Fé, chamamos-lhes formas accidentaes, V. m. bautize tudo com o nome, que quizer, mas se não admite na realidade o mesmo, que nós, não vay muito direito com a Fé, e então direy eu, que todo o prejuizo está em não as admittir distinctas.

Finalmente reparo nesta Carta, o muito que se a gasta contra os actos primeiros proximos, e remotos, porque são arengas, que confundem o juizo. Por curiosidade quizera saber, se confundem o leu, ou não? Se lho confundem, não entende o que elles significão, e sendo assim não deve censurar o que não entende: porém se entende; para que diz, que confundem o juizo, por quanto se não confundem o leu, *a fortiori* não confundirão os dos mais. É na verdade causa admiracão, que chame arengas, e confusoens a estes termos *proximo*, *remoto* sendo couza que ainda os rúuticos alcançã, porque sabem qual he o campo proximo, ou remoto do feu; hum negro de Angola sabe, se o outro he seu parente proximo, ou remoto. Os banqueiros tambem sabem estes termos para procurarem as dispensas; os Parocos para darem a Unçã ao enfermo sabem, que lha devem dar, quando está em perigo proximo de morte, e não remoto; os Confessores devem saber para absolverem a hum penitente, se a occasiã do seu peccado he proxima, ou remota, e assim se podem amontoar exemplos em grande numero. Que arengas logo são estas, e para que he meter medo á gente, como se estes actos fossem fantasmas do outro mundo? Não he bem claro dizer, que quando a huma potencia nada lhe falta para obrar, está em acto primeiro proximo; e quando ainda lhe falta algum requisito está em acto primeiro remoto. Applique isto com o seu agudo engenho a qualquer causa, e saberá quando está em acto proximo, ou remoto. O mais que se lê nesta Carta, nem prova contra os estudos da Metafyfica, nem impugna os principios Aristotelicos. Só confessõ, que nestas materias ha muita questã impertinente; e quem as não quizer estudar, pode fazello em boa consciencia.

REFLEXAM X.

Fyfica.

EMpenha-se nesta sua Critica a provar, que em Portugal se não sabe tratar Fyfica; e todas as provas se fundão em louvores da Experimental: dado porem que esta seja melhor, por isso se ha de desterrar a outra? Fiquem ambas, e cada hum estude a que quizer. Porque a perdiz he melhor que a vaca, e o salmaõ excede a sardinha, haõ de prohibirse no Rei-

no as sardínhas, e a vaca? Não ha duvida que a Fyfica experimental he boa, engenhosa, e nella se usa de bellas mahinas artificiaes, e com ellas se tem oblervado muita couza, que os antigos ignoraraõ, e a experiencia o ensinou. Santo Agostinho com a opiniaõ ordinaria daquelle tempo julgava não haver antipodas, e com a frequencia da navegaçaõ se soube o contrario. Cuidaraõ muitos, que a Zona torrida era inhabitavel, e vem os Portuguezes com seus olhos os innumeraveis povos, que na America, e Africa habitaõ debaixo della. Porem daqui nada se intere contra a Fyfica especulativa; e o que mais he, que todos os instrumentos da mechanica não desfazem o Sistema de Aristoteles, nem até aqui se pode provar.

Não ha duvida que alguns Peripateticos mais antigos foraõ demasiados em admittirem innumeraveis fórmas distinctas, como saõ relaçoens, ubicaçoens, sitos duraçoens, e ainda acçoens, e unioens, que muitos Aristotelicos negaõ; e nem por isso desamparaõ ao seu Filozofa, e se o fizerem em alguma couza, nem por isso ficaraõ excommungados. Os mesmos Thomistas, que seguem ao Doutor Angelico, e os Escotistas, que defendem ao Sutil, levaõ em seus livros opinioens oppostas; e huns, e outros as querem authorizar com textos dos Mestres, que seguem; eles bem conhecem que ou huns, ou outros vaõ contra os mesmos Mestres Angelico, ou Sutil, porque elles não ensinaraõ couzas contradictorias na mesma questaõ; dizendo sim, e não; isso porem não he bastante para se dizer, que largaõ a sua escola.

Não se contenta com isso o Critico mór, quer que se não falle em Fyfica especulativa; mas não somos obrigados a lhe fazer a vontade como a doente; se a não quer estudar, *bonis avibus*, sem isto se pode salvar; deixe-nos cá com o nosso trabalho. Se toda a nossa culpa consiste em admittirmos fórmas distinctas, deixe o caso sobre a nossa consciencia, mas não diga com tanto arrojo, que se S. Thomaz admittio fórmas não disse bem; porque o Santo não só era sabio, mas bom catholico, e como tal não podia negar as que vaõ apontadas na Reflexaõ passada.

Nesta carta algumas couzas lhe daõ cuidado, e huma dellas he a condemnaçaõ da segunda proposiçaõ de Wiclef, a qual pertende identificar com a primeira. Diz a proposiçaõ segunda: *Accidentia panis non manent sine subiecto in eodem Sacramento*; acode dizendo, que o intento do Concilio foy definir, que na Hostia consagrada não ficava a substancia do paõ. Com tudo isso a primeira proposiçaõ do hereje dizia, que no Sacramento ficava a substancia do paõ, o que podia ser na sua errada opiniaõ, se eila alli ficasse sem accidentes alguns, e com tudo isso dizia mal, e se condenou, ainda que fosse no tal sentido. Na segunda proposiçaõ he que diz claramente, que no Sacramento ficaõ accidentes juntos com a substancia do paõ, e por isso tambem se condenou; daqui se colhe que nestas duas proposiçoens, se encerraõ dous erros distinctos, hum erro em admittir a sub-

substancia do pão no Sacramento ; o outro em admittir a substancia , e mais os accidentes no mesmo Sacramento ; de que tendo se infere que não são identicas ambas as proposições , ao menos não he tão certo , como diz.

Accrescenta-se , que se como define o Concillio , he falso dizer : *Accidentia non manent sine subjecto in eodem Sacramento : eo ipso* he verdadeiro dizer : *Accidentia manent sine subjecto in eodem Sacramento ;* e assim o entendeo S. Thomaz nas liçoens do Officio deste mysterio approvadas pela Igreja ibi : *Accidentia autem sine subjecto in eodem subsistunt.* Diga-nos agora o Critico , como pode verificar-se esta proposição , tanto a verdadeira , que se segue da condemnação , como a de S. Thomaz , não havendo accidentes distinctos da substancia ? Em lugar de serem verdadeiras , o serão falsas , por suporem accidentes de pão na Eucharistia , não os havendo nella , conforme a opiniaõ , que insinúa o Critico , e por esta causa dizem os que seguem a Carthesio , que na Eucharistia não ha accidentes , mas huma mera apparencia delles. Dado porém , que não haja taes accidentes , não póde negar , *salva fide* , ou mais que apontey na Reflexão passada.

Tambem lhe dá cuidado a explicação da graça santificante , e diz com toda a brevidade , que os Santos Padres a explicaraõ muito bem , e vay-se safando , porque lhe não serve a tal explicação à vista do Tridentino allegado na Reflexão segunda , onde diz , que he inherente a alma do justo ; e como pela culpa grave se perde com os habitos supernaturaes , que com ella se infundem , menos os de Fé , e Esperança , que se não perdem por qualquer culpa ; e todos se tornaõ a ganhar pela reconciliação de homem com Deos , nada disto lhe servia dizer , por se não ver obrigado a confessar , que eraõ accidentes distinctos. Contenta-se porém com dizer , que os Fyficos Aristotelicos não sabem dar razãõ , porque desce o rayo sendo fogo ? Pergunte por isso aos foqueteiros , que lançaõ huns foquetes ao ar , e em pegando o fogo na materia sulfurea , não sobem , mas descem as suas lagrimas ; e aos caçadores , que ao disparar a sua espingarda lhe sahe o fogo para onde está virada a boca , ainda que seja para baixo.

E por não tornar mais a fallar em Carthesio , nem em Filozofos , que tenhaõ parentesco com elle , digo , que o seu Systema ha muitos seculos , que morreo ; e os Hespanhoes , que tem o juizo em seu lugar , prohibiraõ o livros d'elle , e os mandaraõ sepultar na cova do desprezo , por dizer cousas boas para encaixar na cabeça de rapazes ; quem agora lhe quer desenterrar os ossos , que os venero. Melhor que Carthesio foy Plataõ , a quem muito se encoistou S. Agostinho , e bem celebrado foy Epicuro , Anaxagoras , Empedocles , e outros juntos com os Chemicos ; e com tudo veyo-se a alcançar , que o Systema de Aristoteles concordava mais com os dogmas da Religiaõ , como direi na Reflexão da Theologia.

Ordena mais o Reverendo Critico , que se não pergunte , por quem

se determina a vontade. Venho em que obedeção os que jurarem *in verba illius*; porem se algum, dos que não são da sua confraria, perguntar por isso a hum seu contrade, ha de este responder, que não sabe, porque só estudou a questaõ do rayo, que sendo fogo desce? Vergonhosa resposta para discipulos de taõ grande Mestre, e muito mais em materia de liberdade, que elle tanto exercita no estylo destas suas Cartas! Talvez que a causa de não querer semelhante pergunta, seja por não dizer, que a vontade se determina para actos distinctos, que são accidentes reaes, e daqui lhe fação forte paridade para os materiaes.

Causa espanto ouvir a grande digressão, que faz para persuadir, que para saber Fyfica he preciso o estudo da Mathematica, e no mesmo tempo haverem liçoens de Algebra, Geometria, e outras. Tudo he bom, mas se he preciso, como nos ha de meter na cabeça, que se pode saber a sua Fyfica em breve tempo, e para que he enganar a gente? A Mathematica será necessaria para muita cousa, que se chama Fyfica, mas não para a que trata do Composto, e das suas partes, e causas. Não deixo de reparar, que em todas as regras do seu grande Methodo sempre intime o estudo da Geografia; terá alguma boa impressão de mappas, a que queira dar gasto com esta traça!

Finalmente para prova do que tem dito conta dous casos, que me parecem de Trancofo. He o primeiro, que ensinando a hum rapaz, lhe mandou, que não uzasse de livros; e que praticando com elle, em breve tempo o adiantou grandemente nos estudos, e poz em termos de ser um famoso letrado. O mesmo lhe succedeo ensinando huma Senhora, que hoje pode dar dias santos na sciencia. Sem duvida, que este par de discipulos tinha memoria angelica; mas com tudo quizeramos ver huma certidaõ authentica desta historia, porque ha juizos de pedra, e cal, que não querem dar credito a tudo.

O segundo caso foy com hum Jesuita, a quem referio, que vira hum homem de grandes forças meter a agua de huma siringa dentro de huma redoma de metal, que já estava antecedentemente cheya de agua. O Padre disse, que só podia ser, se a redoma se descarregasse pelos seus poros de alguma parte da agua, que já tinha, e ambos na sua conferencia ajustaraõ, que assim seria, e que tambem na agua haveria partes de ar, que sahissẽ para fóra; e podiaõ accrescentar, que tambem a siringa se alivaria de alguma agua pelos seus poros; e em huma, e outra parte haveria vacuo introsperfo, que muitos admittẽ com grande probabilidade; e nestes termos se podia na redoma fazer lugar para admittir a agua da siringa. Este o caso, que nem nego, nem parece inverosimil.

A graça está na exclamação, que diz fizera o Jesuita neste caso, a saber, que á vista de tal experiencia lá hiaõ pela agua abaixo as suas Aristotelicas filosofias. Se tal disse o bom Jesuita, apostarey, que ou era lei-

go da Ordem, ou sabendo-lhe o genio, lhe quiz meter essa pala na cabeça. E se não faça-nos graça ou elle, ou alguem por elle de nos mostrar, que principio Aristotelico se desfez com o tal caso, *U' erit mihi magnus Apollo.* Sem eu ter corrido mundo já vi caso semelhante, e tambem na agua. Hum aguadeiro levava duas quartas cheyas, vieraõ dous mariolas com sede, e em quanto elle se divertio a fallar com hum amigo, cada hum lhe bebeo ametade da agua de cada quarta; advertindo o pobre no que lhe tinhaõ feito, ajuntou em huma a agua de ambas ficando a outra vasia. E confesso, que vendo a tal experiencia, não me occorreo cousa alguma contra Aristoteles. Não me canso em apontar o mais, que traz esta Carta, porque não são coufas, que metaõ medo.

R E F L E X A M XI.

Da Ethica.

HE insigue este Critico em lançar proposições absolutas, e sempre lhe esquecem as provas. Nesta Carta he importuno em querer persuadir, que a Ethica he precisa ao Theologo. Reparo porém, que lá diz, que a Theologia reconhece a verdadeira origem da natureza corrupta, apontar os meyois tirados da revelação, ensina a conformarse com a ley natural, e positiva universal, e tambem alguns officios, que o Filosofo ignora. Logo reflectiremos nestas suas proposições. Por ora pergunto: ié a Theologia ensina tudo isso, que necessidade tem o Theologo da Ethica? Aqui se anima a dar duas razões. Primeira he, porque a Ethica confirma as suas razões com a authoridade dos Filosofos. Pode haver razão mais futil? Basta que para sabermos a origem da natureza corrupta, e os meyois tirados da revelação, devemos buscar a authoridade dos Filosofos! Visto isso diremos, que o mundo he *ab aeterno*, que ha Fado inevitavel, que ha transmigração das almas, que estas morrem com os corpos, e semelhantes disparates, porque assim o disserão muitos Filosofos; e o que mais he, que culpa aos Casuistas porque se fundaõ na authoridade dos outros, e agora quer que para a Theologia se vaõ buscar confirmações aos Filosofos. Devia dizer pelo contrario, que a Theologia mostra quaes foraõ os Filosofos, que em algumas materias discorreraõ bem, e quaes os que se enganaraõ.

Dá segunda razão: e diz, que a Ethica dispoem ao homem para a Religiaõ. *Erit error peior priori.* Por ventura nós ainda não escolhemos Religiaõ, para que a vamos buscar á Ethica? Se he para que persuadamos aos Gentios a seguir a nossa Religiaõ, essa diligencia não se faz por Ethica, mostra-se-lhe com a razão natural, que ha hum só Deos, e não pode haver muitos; que os preceitos do Decalogo são conformes ao dictames da

mesma razão; aponta-se os motivos da credibilidade que ensinão aos Theologos; e introduzidos estes principios se vão ensinando os mais dogmas, como são castigo aos máos, e premio aos bons Assim começou S. Paulo o seu arrouzado no tribunal dos Areopagitas, e não se cansou com mais Ethica; e se nos ensina esta á conformidade com a ley natural, e positiva universal; tudo isso ensina melhor a Cartilha na explicação dos Mandamentos da Ley de Deos, e da Santa Madre Igreja. Os de mais casos, que daqui se podem deduzir, lá tem seu lugar na Theologia moral.

Voltando ao que prometti no principio, não entendo, que significa dizer, que a Theologia reconhece a origem da natureza corrupta; e na verdade a lição vay escura. Se quer dizer, que o peccado original nos privou da graça, e justiça original, concedo; mas bom he explicar-se melhor, quem tantas vezes accuza aos Filozofos, e Theologos de escuros; e se quer dizer outra cousa, explique-se sem uzar de enigmas. A outra proposição, que diz *aponta os meyoos tirados da revelação*, he escurissima. Sabemos, que ha motivos para crer a revelação; e entendemos que as revelações divinas nos servem de motivos para obrarmos bem, como he a revelação das penas eternas, da conta que se nos pedirá no dia de Juizo, da certeza da morte, e incerteza do dia; conhecemos que outras servem para amarmos a Deos, como he a da Encarnação, e Morte de Christo. Se quer dizer outra cousa, falle de modo, que o entendamos, os que não sabemos Grego, e Hebreo. Diz a terceira *que a Ethica ensina alguns officios, que o Filozofos ignora*. Que officios seraõ estes? Os de sapateiro, barbeiro, cosinheiro, carpinteiro, e os mais que acabaõ em eiro? Todos estes supponho, que ignoraõ os Filozofos; porém se a proposição encerra algum segredo mais recondito, fiquese com elle, que me não canso em lho perguntar.

Continuando a sua prégacao para intimar o estudo da Ethica, como se alguem lhe disse, que não era boa, e digna de se saber, lança esta proposição: *Basta saber as regras de Direito para os casos repentinos*. A lição he breve, façamos agora a experiencia. Furta o ladraõ a bolsa alheya, vay para casa, entra em remorsos de consciencia, e quasi estava resolute a mandalla dar a seu dono; como porém lha não pede, determinou retella em si, porque dizia a regra *Melior est conditio possidentis*. Querem vender hum Mouro, o qual se cativou pela guarda costa, esculpuliza o comprador, se o Mouro he escravo, e resolve que não, porque diz a regra: *Homo liber non usu capitur*. Fez Pedro hum crime de furtar o sinal de hum Tabelliaõ para fazer escritura falsa; he accusado não só de falsario, mas de homicida, porque diz a regra. *Offendens in uno factus est omnium reus*. Pergunta o pay a seu filho se jogou, e quanto perdeu: o pobre mancebo temendo a aspereza e condição do pay, que se tal perda sabe, o ha de tratar com grande rigor, e neste aperto jura, e torna a jurar que nem jogou, nem perdeu, e assenta, que não peccou, ainda que a Ley divina pro-

prohiba os juramentos falsos, porque naquelle repente lhe occorre a regra: *Quod non est licitum in lege, necessitas facit licitum.*

Quem póde duvidar, que estas resoluçoens são erradas, porque se applicaraõ muito mal as regras; não basta sabellas para se evitar o erro, he necessário entender o sentido, e termos em que fallaõ, e a excepçoens, que padecem. Não ha peccado, que se não opponha a algum mandamento, e com tudo para saber se esta, ou aquella acção he contra elle, necessita-se de muito estudo, e ir consultar os Doutores, e casos ha em que se não acaba de saber de certo, se são, ou não são prohibidos, v. g. se he licito pintar no dia santo; e porque são diversos os juizos dos homens doutos, condemnaõ huns, o que outros absolvem, e mais sabem todos os mesmos mandamentos do Decalogo; e daqui se segue, que não basta saber a regra, para logo decidir rectamente o caso.

Vem outra proposição sua ejusdem furfuris: *Os authores Casuistas não affinaõ rezão.* Estou persuadido que este homem nunca abriu hum livro de casos; e se o abriu, porque não allega algum para abono do seu dito! Os Authores que trataõ as materias de Moral *ex professo*, o menos que dizem he a resolução da questão; o mais são os fundamentos, em que se estribaõ, e a solução do que em contrario se pode dizer: os que compozeraõ Summas para que os Moralistas possaõ com mais brevidade saber o que devem resolver no confessorio, ou fóra d'elle, apontaõ brevemente a razão, em que se fundaõ; e para prova disto não allego hum, ou outro, mas todos, e o póde alcançar quem não for demasiadamente idiota.

Profeguindo o seu assumpto, que consiste em dizer mal, acrescenta, *que ouvir a Frades, e Clerigos dixerem parvoices em cousas pertencentes ao direito natural.* Talvez seja esta tão verdadeira como a passada; mas se assim foy, tambem agora dizem muitos Frades, e Clerigos, que estas suas Cartas dizem parvoices em toda a materia. Eu porém por mayor cautella, como tenho cabeça dura, e juizo de pedra, e cal, nego a sua proposição, e dou a razão. O direito natural entronca com o divino, e das gentes. Ha direito natural permissivo, e perceptivo, absoluto, e condicionado; hum segue-se de conclusões immediata, outro de mediata, hum diz ordem a actos, que sempre tem bondade, ou malicia intrinseca, outro que só respeita a actos bons, ou máos em certas circumstancias; hum não depende da ley humana, outro depende; e destes ultimos diz Aristoteles 5. Ethic. cap. 7. que muitas vezes as cousas, que são de direito natural, se podem mudar, não todas, mas algumas.

Como pois para sabermos casar algumas resoluçoens com o direito natural desta, ou daquella casta, muitas vezes he necessário formar consequencias deduzidas de principios, que não são *per se notos*; he muito facil errarmos, quando se falla de repente nas materias. Veja agora a difficulda da que tem esta, e como facilmente podia acontecer, que os taes Frades,

e Clerigos dissessem bem, e o Reverendo Critico costumado a censurar tudo sem ser letrado, como nestas Cartas o mostra, fosse o que julgasse mal, e se persuadissem que a parvoice vinha dos que fallavaõ, sendo muito facil, que se apozentasse no que ouvia: e he para admirar a facilidade com que nos traz por exemplo de cousas faceis as resoluçoens, que se podem deduzir do direito natural, porque não sabe, que este direito com todas as suas pertenças envolve grandes materias; os que tem lidado com ellas vão mais attento; quem as não sabe, cuida que todo o mato he ouregaõ, e falla com mais confiança. Lembra-me o cazo do negro, que em qualquer pendencia logo se arrojava a meter mão a espada sem ter medo; vendo o senhor a sua valentia, e animo, mandou-o ensinar a jogar a espada preta, e quanto que soube, fugia de se meter nas bulhas, porque já advertia na facilidade com que lhe podiaõ correr huma estocada. Applique el cuento.

Tambem nos persuade, que a Ethica serve para distinguir a virtude do vicio. Sim senhor venho nisso, mas he necessario consultar a Theologia especulativa na materia de *Actibus humanis*. Na Theologia moral se aprende isso muito bem. Como Sua merce esta tão insigne na Ethica, desejamos que o esteja nas virtudes, como he a humildade, charidade, e modestia no fallar, e que fuja da soberba, inveja, jactancia, vaidade, e desprezo do proximo. Boa virtude he honrar a todos, e não vituperar os mayores.

¶ E para que he a digressão, que aqui faz contra a fidalguia? Ella he precisa nos Reinos para o seu lustre, e para os postos de mayor supposiçaõ, que requerem pessoas, que conciliem respeito. Boa he, e muito para estimar a fidalguia espiritual, que consiste nas virtudes, como com grande devoçaõ nos intima com o versinho: *Nobilitas sola est, atque unica virtus*; assim o confessava Ulysses, e mais era Rey, respondendo a Aiax: *Quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco*. Mas esta não se oppoem á fidalguia humana, e se se unem ambas, tem mais lustre, e não a desprezou o nosso Redemptor, que nasceo de huma Máy muito illustre, como descendentes de Reys. Se ha fidalgos, como diz, que o não mostraõ nas acçoens, encommende-os a Deos nos seus sacrificios, se não são de missa secca; e para os venerar a todos, saiba que os avós delles foraõ os que deraõ a Portugal o melhor nome, e lhe conseguiraõ grande gloria; e bom conselho, seria não fallar no que lhe não toca.

Finalmente deixando as mais arengas da sua Carta, reparo em asseverar, que em quatro annos póde hum estudante saber toda a Filosofia com Ethica, Chronologia, Geografia, e Astrologia. Eu nego de todo o coração, porque he pouco tempo para tão grande jornada.

REFLEXAM XII.

Da Medicina.

A Tudo topa este celebre homem. Nesta sua Critica, quer; que os Medicos sejaõ Cirurgioens, e dá huma razão forte porque em Lisboa ha hum Medico, que he Cirurgiaõ mór. Boa prova! Nesta Corte temos hum Grande do Reino, e Illustrissimo com o titulo de Meirinho mór, ha tambem Almotacé mór, e Alcaide mór; e a quem virá a cabeça, que estes devem hum servir de Meirinho, outro de Almotacé, e outro de Alcaide? Sendo taõ noticioso dos outros Reinos, bem podia saber, que nelles são distinctos os Cirurgioens dos Medicos. O Medico cura as enfermidades internas, o Cirurgiaõ as externas, como são feridas, nascidas &c. E quando alguma doença se mostra no exterior, mas se entende que nasce de desconcerto interior de humores, acode o Medico; são porém occupaçoens distinctas, e o Cirurgiaõ mór he para incumbencia diversa do exercicio da Cirurgia.

Quer tambem, que os Medicos saibaõ Anotomia. Não ha duvida ser muito bom este conhecimento, e a ella pouco se applicaõ os Portuguezes em abrir os corpos humanos; mas os que são curiosos se contentaõ com a estudar pelos livros de que ha muitos, e com estampar, muito bons, e com miuda explicação, por final que ás vezes não concordaõ entre si. Com tudo esta perfeita indagação da anatomia he menos necessaria, ao menos com tanta miudeza nos Medicos, e muito mais precisa nos Cirurgioens, aos quaes pertencem as operaçoens, e he lhe necessario ver por onde haõ de cortar. Demos que o Medico seja insigne anatomico; como ha de curar o doente, se não vê com os olhos a parte interior donde vem o mal? Hum bom relojoeiro bem sabe quantas peças tem hum relógio, mas se lhe mostrar hum que pára, e que diga onde está o erro, seguro que mo não dirá sem o abrir.

Bem sey a differença que vay do relógio ao doente, porque aquelle nenhum final dá de si, e este dá informação, e tambem o pulso indica, que ha desconcerto naquella fabrica humana, que tem muito mayor, e mais admiravel, e miuda architectura: mas tudo isso serve para que o Medico possa conjecturar, qual seja a causa da doença; porque a mesma febre, tosse, ou afflicção pode nascer de varios principios, e para atinar com o verdadeiro muito ajuda a experiencia com o bom discurso, e muito pouco a Anatomia. Supponhamos hum doente abrazando-se com febre, que vay que o Medico saiba, que por aqui vaõ os musculos, por alli as arterias, que lá está a vea da arca, lá a do figado; a circulação do sangue tem o seu principio nesta parte, e acaba naquella? O ponto he indagar, qua

qual seja o principio do mal, e qual deve ser o remedio. Esta he a razãõ, porque nas epidemias se abrem alguns cadaveres, para verem os Medicos se tem alguma parte offendida; porque em quanto os não abrem, não o podem saber com certeza. Aqui falla, como cousa uzual, que deverã os Cirurgioens saber, quando haõ de sangrar a arteria: esta casta de sangria, ainda na cabeça, que por ser solida dá lugar a se apertar a arteria picada, he muito perigoza; e nas mais partes he perigosissima.

Mas que diremos da celebre cura, que conta fez hum amigo a outro, que padecia grandes dores de almorreimas, e lhas fez parar com o leo de nabos? A respeito disto diz duas cousas selectas, a primeira que não seria o leo quem abrandou as dores, mas porque era já tempo de se acabarem, e por isso falsamente se attribuiria a melhoria ao leo. Quando sentir alguma molestia, tome esse dictame, não chame Medicos, nem cuide em remedios, esperando que ella á boamente acabe, e uze sómente de agua da fonte; porque quando Deos quer, agua fria he mézinha.

Accrescenta, que tal vez estivesse o remedio no leo, e não nos nabos. Tudo podia ser, mas a historia he huma frioleira. E daqui infere, que muitas vezes receitaõ os Medicos hum composto de cinco cousas, e tal vez só huma dellas seja a que fez bem ao doente. Estarey por isso, mas não pelo que accrescenta, que deve o Medico fazer experiencia naquelle remedio, vendo primeiro se cada hum dos simples he o que aproveita, e depois acompanhado com outro até acabar a complicação dos cinco, por não accumular ingredientes. Tal vez não saiba o grande numero de vezes, que se pode fazer a tal combinação: e para que he andar com taes esperas, quando o Medico já sabe, que o composto dos cinco he proveitozo, e se entre elles vay algum superfluo, não he nocivo, que he o que basta.

A principal censura desta Carta he contra os Medicos Galenicos, o qual methodo, para o pintar mais feyo, diz, que veyo dos Arabes; e vimos a entender, que daquella terra não pode sahir cousa boa, como dizia o outro da de Nazareth: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* Ouvi contar a pessoa muito fidedigna, que no certão de Angola havia hum negro, que sabia curar perfeitamente aos eticos; se assim he, seria bem, que os nossos Medicos não quizessem uzar daquelle methodo, porque veyo dos Cafres? Se a doutrina de Galeno he boa, ou não, cousa he, que não posso decidir, e muito menos o Critico mór; só posso dizer, que muito do que aqui apparece, foy feito em Francez, não para dizer mal de Galeno, mas para mostrar, que quem seguisse o methodo daquelle Medico, o podia estudar pelo modo, que a hi aponta, nomeando juntamente os livros de que podia uzar: querernos porém encaixar que Galeno não presta, por isso mesmo que diz mal d'elle, venho a entender, que deve de ser bom. Se eu vejo que diz mal de S. Thomaz, Escoto, Soares, Vieira, Camoens, e outros, que são excellentes nas suas faculdades, com razãõ hey de inferir, que Galeno he bom, porque diz, que o não he. O

O certo he, que alguns Medicos não leguem a Galeno, nem por isso os vemos fazer milagres, e não deixão de lhe morrer doentes, que pertencem curar. Fóra de Portugal, e em Cortes donde há Medicos afamados, se são Galenicos, he final de ser a sua doutrina ainda hoje seguida: se o não são, nem por isso vemos, que lá morra menos gente, antes lemos nas gazetas, que tal Rey, Principe, ou Princeza, ou Senhora grande foy acommettida desta, ou daquella doença, e depois de dizer que está assistida pelo celebre Doutor Fulano, e Sicrano, vem a noticia de que morrera. Pois se o seu methodo he o verdadeiro, e o Galenico errado, porque razão cá, e lá más fadas ha, e morrem huns, livrando outros? e quantas noticias se conservaõ entre nós de Medicos antigos, que tivemos, e fizeraõ curas prodigiosas, sem que nesse tempo se soubessem estas curas à moda, como as quer o Critico? O que sey he, que ao nosso Reino chegaõ alguns Medicos de fóra, e se curaõ sem conhecer o clima do paiz, mataõ muita gente; e depois de o conhecerem, se começaõ a curar com os nossos, erraõ menos. Certo Medico Portuguez sahindo fóra do Reino, disse que deixava nelle enterrado a Galeno; quiz lá fóra seguir outro rumo, matou a muitos, como elle confessou, e para enterrar, menos, desenterrou outra vez a Galeno.

Qual porém será a culpa de Galeno para ser desterrado? Por ventura manda sangrar, purgar, dar vomitorios, e cordiaes fóra de tempo, e em doenças que não pedem, ou a tempo, e occasião opportuna? Se fóra de tempo, e lugar, nunca os Galenicos acertariaõ, e nós vemos o contrario; se a tempo, e occasião propria, porque se não ha de seguir? E se mostrar a experiencia, que em alguma coula errou, não se siga; mas isso não he razão para se não louvar a hum Author, que sem ter as experiencias, que depois d'elle tem crescido tanto, com tudo isso ainda os seus axiomas são venerados pelos doutos na faculdade. Poderá tambem ser culpa de Galeno seguir o sistema filosofico de Aristoteles; Plataõ, ou qualquer outro; mas nada disso prova contra elle. Se mostra a experiencia, que manda sangrar, ou purgar a tempo, e com isso alivia o doente, que nos importa, que a sua Filosofia seja desta, ou daquella casta?

Para melhor me explicar ponho este exemplo da quina, a qual he bom remedio para as sezoens, como mostra a experiencia. Dirá hum filosofo, que ella se compoem de materia prima, fórma substancial, a qual na arvore era de vivente vegetativo, e que depois de secca tem outra diversa; que tem accidentes distinctos, como quantidade, cor, amargo, pezo, e calor. Venha outro, e clame que tal não há, e diga com Leulippo, que a sua materia são huns certos atomos, ou tambem particulas eterogeneas. Grite Empedocles, ou alguem por elle, que se compoem de corpusculos, ou atomos elementares, e depois de ouvirmos a Carthesio, e a quantos se quizerem admittir, perguntara eu a todos: Componha-se a quina; como

V. m. quizerem, serve ella para curar as sezoens? Devem dizer, que serve: pois applicuêse ao doente para o farar, e infirmos, que assim como effes systemas não daõ, nem tiraõ a virtude á quina, assim são impertinentes para a cura das sezoens: e o que digo deste medicamento, se pode dizer de qualquer outro.

A mesma razaõ acharemos discorrendo pela cura dos animaes. Os alveitares curaõ hum cavallo de huma terçaõ, ou dor de barriga, polmoeira &c. porém nenhum delles se mete, em que o cavallo seja machina insensivel, tenha, ou não tenha fórma, e accidentes distinctos; applica o seu remedio, e da mesma forte o curaria neste, ou naquelle systema de philosophia, e para a cura não serve effa indagaçaõ. O mesmo argumento milita na cura dos homens. Diga o Medico, que não he boa a definiçaõ *animal racional* como diz o Critico mór; teime que a alma não assiste em todo o corpo, mas em huma pequena parte da cabeça; que a dor, que diz o doente estar no lado esquerdo, não se fórma ahi, mas lá na casa, ou gabinete da alma; que a cor palida, que tem, não he distincta da substancia; ou diga, que o corpo daquelle homem se compoem dos cinco elementos chymicos. Sim, Sim senhor, dirá o doente, mas perguntará, se o haõ da curar com os remedios, que tem mostrado a experiencia seraõ bons para a cura do pleuriz? Dira o Medico (para dizer bem) que sim. Pois effes systemas tanto servem para a cura do pleuriz, como serve a lingua dos pretos para entender Latim.

R E F L E X A M XIII.

Direito Civil, e Canonico.

Sendo o estudo de Direito hum dos que mais florecem em Portugal, e assim reconhecido pelas mais naçoens, onde sempre tiveraõ estimaçaõ os livros, e postillas, que cá se compozeraõ: tendo os tribunaes do Reino Ministros, e Advogados doutissimos; vendo-se a Universidade de Coimbra cheya de professores de hum, e outro Direito com grande, e merecido applauso, e com o mesmo muitos, que deixaraõ a mesma Universidade pela Corte, onde são venerados os seus talentos, e grande erudiçaõ, começa este Critico a sua satyra com extraordinaria ousadia, e injuria de toda a naçaõ a dizer, que em Portugal se não sabe Direito, nem há Advogados, e Ministros que saibaõ por onde elle corre. Mas se em todas as suas Cartas manifesta a sua vaidade, e mal fundada presumpçaõ, nesta, e na seguinte parece mentecapto. Vi há tempos hum moço, que andava na Capella, como entaõ se chamava, perguntando aos tendeiros se queriaõ aceitallo por seu caixeiro? Perguntavaõ-lhe se sabia escrever; e respondia com toda a sizudeza, que sim: davaõ-lhe logo papel para mostrar a sua letra,

tra, e com todo o desembaraço tomava a penna, e fazia varias riscas para baixo, e para cima; parava a experiencia em rizadas, e virem a entender, que o pobre moço era doudo. Eu porém não me ria, mas compadecia-me d'elle considerando a desgraça de quem tem perdido a melhor joya do homem. Esta he a causa, porque ainda que me escandalizem as criticas deste fingido Barbadinho, sempre me compadeço d'elle, considerando que o mesmo achaque me póde sobrevir a mim, e a outros muito melhores do que eu.

As razoens com que pertende provar a sua these, são partos muito proprios do seu talento. Diz não menos, que os nossos Cathedraicos, Juizes, e Advogados acabaõ os annos da Universidade sem saber cousa de substancia contentes com quatro textos de cór, e que seni mais noticia que a de hum par de titulos do Digesto, e Decretaes entraõ huns a Lentes, outros a Juizes, e os mais a Advogados, persuadidos que ja são capazes do seu emprego, e de o exercitarem com grande satisfação. Esta a substancia da prova, e he tão forte, que será preciso gastar muitas horas de especulação, muito trabalho em revolver os livros, e finalmente consultar o cazofóra do Reino, visto não haver nelle, quem saiba responder. Mas porque elle não cuide, que eu fallava de veras, que he capaz de tudo, eu me desdigo. Devemos fazer distincão entre os que se matriculaõ para ouvir Direito; huns tem habilidade, e applicação, outros tendo muito bom engenho passaõ os annos da Universidade sem cuidarem em estudos; outros finalmente não são dotados de boa percepção; e o mesmo acontece nas mais Universidades, porque os nossos não são de menos capacidade.

Supposta esta divisaõ, digo que os primeiros acabaõ os seus annos com muito bom aproveitamento, fazendoos seus actos com muito lustre; os segundos ao menos ficaõ com alguma noticia dos Authores, por quem devem estudar, e as materias, que devem saber em primeiro lugar; e querendo recuperar o tempo que perderaõ, se applicaõ com cuidado ao estudo da sua faculdade; e a mesma diligencia fazem os primeiros, que nomeey. Fallando pois destes (que dos terceiros não fazamos menção) he sem duvida, que acabando os annos da Universidade, tenhaõ, ou não tenhaõ estudado, não estão logo consumados Juristas, porque o Direito he largo; mas com a applicação aos livros, e depois com o muito exercicio huns de advogar, outros de julgar as causas, e ponderando as razoens, que se allegaõ, e estudando o que devem decidir; e outros finalmente preparando-se nos Collegios da Universidade para a opposição das cadeiras, se vem a fazer todos com a continuação dos estudos huns grandes Juristas. Assim o vemos na Universidade com Lentes doutissimos, posto que não estejaõ adiantados na praxe forense, que facilmente a sabem, se entraõ nos tribunaes. O mesmo se conhece nos que para outras occupaçoens a largaraõ; e tambem nos que estão providos nos tribunaes de mayor graduacão, e em ou-

tros que actualmente servem nas judicaturas do Reino, e suas Conquistas. Dos Advogados se deve dizer o mesmo; porque a applicação a tanta variedade de causas, e em tão diversas materias os faz eminentes na sua faculdade, e muitos o tem mostrado nos doutissimos livros, que deraõ a preço, e nos seus eruditos arrazoados manuscritos, que cada dia estaõ compondo.

He pois grande frioleira dizer o Critico, que em hum Jurista sabendo quatro textos, ou hum par de titulos, já cuida que está grande letrado, porque com pouco cabedal ninguem se deve imaginar rico, salvo se nelle sobrepujar a vaidade, e presumpção; nem tambem nos persuadimos que bastem os actos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz-se, como diz o nosso adagio, e o Direito Canonico, e muito mais o Civil são vastissimos; e para explicar a sua vastidão dizia hum grande Mestre na Universidade de Coimbra, que o Direito era tão comprido, como a estrada daquella Cidade até Lisboa, e que elle apenas teria andado a primeira legua. Isto dizia, quem era venerado por suas grandes letras, e sabia a difficuldade, que ha em comprehender tantas materias. Tal vez não dirá isto o Critico, e outros como elle, que em lendo dous livrinhos com quatro noticias geraes postas em Francez, que são muito boas para dar alguma instrucção, já fallaõ em Direito com grande confiança, persuadidos, que tem esgotado o Código, Digesto, Novelas, Decrétaes, Sexto, Clementinas, e Extravagantes; e nem com pão quente haverá quem os tire desta sua errada imaginação; mas o certo he, como confessaõ os Medicos, que os flatos não tem cura.

Aqui não sey porque estrada, ou travessa se mete Sua mercê a dar documentos sobre as qualidades, que devem ter os Conselheiros ultramarinos, e isto sem mostrar procuração bastante para o seu requerimento; o qual consiste em dizer, que naquelle Tribunal só se devem admittir pessoas, que tenham visto mundo; porque se não sabem o que vay lá por fóra, não saberão votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fóra do Reino; como tambem não póde tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem não tem andado por ellas. Esta a substancia, e em confirmação conta hum historia das razoens, que Socrates deu a Glauco para lhe provar, que não tinha bastante noticia para servir o em prego, a que aspirava. Bem faz em nos insinuar a grande capacidade, que tem para semelhantes em pregos; porém melhor fóra, que assim o dissessem os vizinhos, que he louvor de S. Antonio: *Dicant Paduani.*

Posto o seu axioma, estaõ de grande partido para o Conselho do Ultramar os Capitaens de navios; e Pilotos, que tenham navegado muito: para o da Fazenda Contratadores, que como sabem augmentar a sua, bem podem administrar a alheya; para o Paço da madeira Carpinteiros; para a Casa das carnes Marchantes; para a da fruta os maridos das Colarejas; pa-

ra a Mesa da Conciencia Meitres de cazos; e para a Junta dos Tres Estados, os que se ordenaraõ depois de viubar, por terem tido os estados de folteiros, cazados, e ordens sacras. A verdade he, que para as resoluçoens do Conselho do Ultramar bastaõ as noticias que temos daquellas partes, os informes dos Governadores, e Ministros dellas, com a praxe do que se tem ordenado em casos semelhantes, e sobre tudo a prudencia, e capacidade do Conselheiro; aliás será necessario, que tenha corrido todas as quatro partes do mundo; porque em todas tem a Coroa dominio. O melmo bastará para o Conselho de estado, e mais Tribunaes.

Sem hum homem sair do Reino, só com ler algum livro, que tratê das outras Potencias, e com as noticias, que facilmente se alcançaõ, se pôde saber, que o Turco, Persa, e Ruffia são Potencias muito grandes; que qualquer dellas pôde sustentar guerra contra a outra sem ajuda dos vizinhos; que o Imperio, e França podem formar grandes exercitos; que Inglaterra he grande Potencia maritima; Hollanda com ser pequeno paiz he rica, e respeitada; Suecia he grande Reino; Dinamarca naõ he para desprezar, Castella he Monarchia dilatada, mais rica, que povoada, &c. Esta noticia, e as mais, que eu naõ tenho, unidas a huma boa capacidade, podem constituir hum bom Ministro para o Conselho, ou para huma Embaixada, sem para isso ser necessario, que primeiro vá tomar conta dos milhoens, que França tem de renda, nem que as peça ao Parlamento de Inglaterra, ou ás Assembleas dos Estados Geraes. E se lá lhe naõ quizerem dar taes contas, como he factivel, há de voltar para o Reino dizendo, que naõ traz bastantes instruçoens para ser Ministro naquella Corte? Naõ façamos o caso taõ difficultozo.

Antes que me esqueça, he bem fazer mençaõ de huma sentença, que allega proferira hum douto, o qual disse, que depois que os Commentadores explicaraõ a S. Thomaz; ninguem o entendeo. He valente dizer! Sem duvida o doutor era de Tibi quoque. He possivel que se o Commentador he máo, e escuro, teve poder sympatico para pegar a mesma escurezaõ ás obras do Santo, sendo antes claras! Eu que naõ sey, que ha taes comentarios no mundo, vou ler huma questãõ no Santo, e naõ entendo o que elle diz, por culpa de hum Commento, que nunca vi! Parece cousa de encantamento. E o Senhor Critico sendo taõ grande logico, como temos visto, ficou persuadido que dizia bem aquelle douto? Se se naõ persuadio a isso, escudadissimo foy dizello; e se assim se persuade, digo de veras, que he bom homem.

Eu indo cá pela Logica velha, argumento assim. Aquelles Commentadores explicaõ, ou naõ explicaõ a S. Thomaz? Se o naõ explicaõ, naõ são Commentadores; e nessa supposiçaõ, *tollitur quaestio*. Se o explicaõ he implicancia nos termos, que embaracem, e façaõ escuro o que na realidade explicaõ; porque explicar naõ he embaracar, antes pelo contrario he dessem-

desembaraçar. He o que em outra materia disse hum Poeta fallando dos zelos, que eraõ *una imaginacion preñada, si son zelos, no son nada, si son algo, non son zelos*. Se explicaõ os Commentadores, não embarçaõ a intelligencia; se a embarçaõ, não explicaõ. Tambem aqui se queixa, que vio muitos Authores, e que não prestavaõ. E quem lho disse, quando tal vez o achaque estaria da parte do que lia? Mas se era culpa dos livros, taes seriaõ elles, que falle muita verdade, que tambem amim me aconteeo o mesmo com estas suas Cartas, e tive paciencia, considerando que neste mundo ha bom, e máo. Se differ o mesmo remoque contra estas Reflexoens, eu não lho posso impedir, diga o que quizer.

Nesta materia de Direito quiz tomar o trabalho de repetir hum largo catalago de Authores na materia, approvando huns, e reprovando outros, como lhe pareceo, e cuida que com isso nos poz de ré. Se eu quizer fazer o mesmo, mandava vir o Catalago da Livraria de Coimbra, e junto com o de outras, que aqui há, o afogava com livros, e lhe daria cento por hum. Tambem faz outra digressão muito comprida do estylo, que há em Roma para Advogados, Solicitadores, e Juizes, o methodo, com que trabalhaõ, e vaõ subindo. Passe tudo; mas que tiramos dahi? Nada mais, que ficar presumindo, que já foy a Roma. Lá estudaõ as Decisoens da Rota, que assim lhe serve, e cá os Arestos: Lá tambem se revogaõ em hum tribunal as sentenças do outro; na mesma Rota hoje se decide huma cousa, e daqui a tempos outra, porque *tot capita tot sententia*; mas nada disto prova, que não tenhamos cá bom juristas, *quod erat demonstrandum*.

O modo, que aponta para se aprender Direito Civil, e Canonico, pode guardallo para quando fizer novos Estatutos da Universidade: em tanto lá sabem o que devem seguir, e do modo que se uza, tem sahido sujeitos de grandes esféras. Muito menos he necessario intimar aos Juristas a necessidade de aprenderem a lingua Grega, e historia Romana, e Ecclesiastica. O Direito Civil todo está em Latim muito puro, e os Authores o explicaõ muito bem, e he o que sobeja para se entenderem os textos, ou alguns sejaõ na realidade antinomicos, como Sua merce define, ou o não sejaõ, como querem os que se empenhaõ em os concordar, que he questaõ, em que vay pouco. Boa curiosidade he estudar as linguas, e historias, mas he impertinencia, que sendo o Direito taõ vasto, lhe queira pôr mais esses dous contrapezos taõ grandes, sem serem precisos para o intento. E se quer ver se tenho razaõ, suponha que hum ocioso vertia este seu quasi meyo baralho de Cartas em bom Francez; seria necessario que para se entenderem as muitas Leys, a que podemos intitular Novelas, que nellas promulga, aprendesse Portuguez qualquer Francez, que as quizesse estudar! Applique a paridade ao nosso cazo.

O mesmo digo do estudo da historia, A Ley promulgada, e aceita

ta obriga ao subdito em quanto se não abroga; e para obrigar tem mais força que seja de Justiniano, ou de Adriano! O ponto está em saber o que ella manda, e que está em seu vigor, para o que já se entende que foy ordenada por quem tinha authoridade legitima; porém que o Legisla- dor fosse Pedro, ou Sancho; que se promulgasse neste, ou naquelle an- no, nada faz ao cazo, como tudo o que diz nesta grande Carta. Perdoe- me a confiança.

Quanto ao que em Carta separada diz dos Canonistas, asseverando com a sua costumada urbanidade que este Direito se não sabe em Portu- gal, merece tanta fé, como em tudo o mais. Os fundamentos para pro- var o seu assumpto não apparecem, e assim não merecem nova Reflexão, e esta basta. Porém de passagem lhe encommendara, que se não cansasse muito em nos querer persuadir, que o Author do Decreto nem era sa- bio, nem deixa de ter muitos erros. Como sabemos, que elle não tem mais authoridade, que a que lograõ os Authores, de quem tirou as sen- tenças, diga o que quizer, e defenfade-se com elle como muito lhe pare- cer; mas saiba, que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Gra- ciano, e que ficou coherente com os originaes de quem foy compilado.

Torna a encomendar aos Canonistas, que aprendaõ Grego, e historia sa- grada, e profana. He boa teima! Elles dirão, que não querem, e que sen- do a Ley revestida das circumstancias necessarias para obrigar, nada faz ao cazo, que seja mais deste, que daquelle Papa. Dirão que os Canones estaõ em bom Latim, e que para se entenderem he escuzado o Grego. Hum exemplo aclara muito. Houve na China hum grande Filosofo, por nome Confusio, que seguia a Ley natural, e foy o seu primeiro Legisla- dor grandemente venerado hoje naquelle vasto Imperio; andaõ as suas obras vertidas em bello Latim. Digame agora, se para eu entender as sentenças deste homem, tenho necessidade de aprender a lingua dos Chinas; por- que conforme o seu conselho me determinarey ao que devo fazer. O me- thodo, que dá para se aprenderem os Canones, lá o guarde para os seus ouvintes, que os da nossa Universidade dizem, que o não querem se- guir.

Não passe porém em silencio, hum cazo estranho, que succedeo ao nosso Critico. Em huma das suas conversações mais eruditas, que as noi- tes Atticas de Aulo Gelio, disse a certa pessoa, que a materia de Sacra- mentos era de Direito Canonico, e que o ouvinte não teve vergonha de dizer, que não era, mas que pertencia aos Moralistas. E não diz mais o cazo, que na verdade fará chorar as pedras. Mas se eu tivesse a fortuna de estar presente, e dissesse, que a materia de *Sacramentis*, que vem nos Canones era de Gramatica, tal vez diria, que não, e eu teimaria, que tambem lá pertencia, porque me não mostraria nella palavra, de que não trataffem os Gramaticos; acodiria porém em sua defeza dizendo, que não

he este o sentido, em que se falla, e na verdade diria muito bem. Vamos agora ao ponto. Não há duvida, que no Direito Canonico, principalmente no liv. 4. vem alguma cousa dos Sacramentos; mas tudo o que lá anda comparado com o que trazem os Moralistas, he tão pouco, que no sentido ordinario tomada por inteiro a materia de *Sacramentis in genere*, & *in specie*, com muita razão se diz pertencer aos Moralistas; e bem se vê nas largas materias, e questões, que só a do Matrimonio faz hum grande volume: e se ninguem soubesse mais, que os puros textos de Sacramentos, que trazem os Canones, em muita cousa se acharia novo, e pouco saberia destas materias. Talvez neste sentido responderia o ouvinte; e quando errasse, não he bem censurallo com as palavras, *naõ teve vergonha*, que este estylo he mais para rusticos, que para cortezaõs.

REFLEXAM XIV.

Da Theologia.

DEsculpa-se o Critico mór com o seu conrespondente, por ter tratado com esta resposta; e se ainda continuasse na mesma demora, escuzaria o inutil trabalho, que tomou em a escrever. O que se deve sentir he o dizer, que a não fizera mais cedo, porque padecera humas vertigens; eu o creyo, e nesta mesma Carta ainda não estava livre do achaque. Só pode servir de consolação a esperança de que sarará desta queixa, por ter acabado o trabalho desta sua grande Obra ajudado da especial noticia, que tem da Medicina, especialmente daquelle celebre remedio do oleo de nabos, de que fiz menção na Reflexão duodecima.

Com grande fogo entra nesta Critica a desfazer na Theologia especulativa, como cousa, que não he de proveito, e que começou há pouco tempo; e que vendo o mundo as heresias, que se levantavaõ, e que para as confutar era preciso recorrer aos dogmas da Religião, entãõ abrio os olhos, do tempo do Tridentino para cá, o qual diz elle, que acabou no anno de 1650. e eu que erra, porque foy no anno de 1563. Abrindo pois o mundo os olhos, começou a deixar a Theologia especulativa, e a applicarse, como antigamente fizeraõ o Santos Padres, á dogmatica, a qual diz que ignoraõ os Portuguezes; e dá logo por regra geral, que na Theologia se não introduza a razão natural, senãõ em quanto for admittida para explicar o dogma, e menos disso não tenha tal confiança. Para estabelecer esta machina nos amofina a paciencia em contar huma historia lá do principio do mundo, e acabada ella, diz tres cousas notaveis: primeira, que os Santos Padres desviaraõ Aristoteles da Filosofia: segunda, que Belarmino não solta bem os argumentos, que propoem nas suas Controversias

fias por parte dos Hereges: terceira, que os Judeos tem fortes argumentos para protegerem o erro, em que vivem, e que para os soltar he preciso que os Theologos luem pelo topete. Isto he o que em compendio pude tirar da Carta, ou Censura; em que se occupou tao grande talento.

Começando pela divisãõ da Theologia em Especulativa, e Dogmatica deve saber, que a Especulativa he mixta, e tem muita parte de Dogmatica; e daqui vem, que raro he o erro contra a Fé, que o não conheça quem for veriado na Especulativa. Ella declara, o que a fé nos ensina na materia dos Sacramentos, suas materias, e formas contra os hereges antigos, e modernos. O mesmo se ve na materia da Trindade, e Incarnação, em que se acha o que nesta parte erraraõ os Arrianos, Nestorianos, e outros. Na materia da Graça auxiliante ensina ser necessaria para qualquer obra meritoria contra os Pelagianos, e Semipelagianos; como tambem estabelece os principios da liberdade, em que se descobrem os erros de Jansenio, Bayo, Quesnel, e outros seus adherentes; o que tudo se corrobora, com o que se ensina na materia de Graça santificante, e merito. Explica a natureza dos Anjos, declarando o seu ser intellectual, e espirital, e que nem são, nem podem ser corporeos, como muitos imaginaraõ. Na materia de *Fide*, *Deo uno*, & *Attributis*, se descobre o engano dos Gentios em admitir muitos Deozes: nos actos humanos se dá huma larga instrucção para se conhecer quaes são bons, e maos, e quaes se podem viciar pelo seu motivo, e como se multiplica a sua malicia, ou bondade, o que tudo mostra como se deve discorrer com acerto contra os que se persuadiaõ haver peccados inevitaveis: na materia de *Beatitudine* se refutaõ os que cuidavaõ haver neste mundo verdadeira bemaventurança; quando ainda no constitutivo da natural não atinaraõ os Filozofos; e assim discorrendo pelas materias especulativas, se alcança serem muito graves, e dignas de se saberem as suas questoes.

Succederá a quem não tem estudado esta faculdade não saber dar a razão de inumeraveis perguntas, que lhe podem fazer em cousas pertencentes á nossa Religiaõ. Sirvaõ de exemplo estas: Se o Verbo divino he Filho, porque o não he o Espirito Santo; sendo que a ambas estas divinas Pessoas se communicam a mesma natureza; e porque sendo todas iguais, o Pay mandou ao Filho ao mundo: *Misit Deus Filium suum*; e mandou ao Espirito Santo em nome do Filho: *Quem mittet Pater in nomine meo*; e como se entende estar o Pay no Filho, e o Filho no Pay, sendo Pessoas realmente distinctas: *Pater in me est, & ego in Patre*. Que querem dizer aquellas palavras: *Spiritus ubi vult spirat*; e estas: *Quareti me, & in peccato uestro moriemini*, sendo que Deos quer que todos os peccadores se salvem: *Nolo mortem peccatoris, sed ut magis convertatur, & vivat*. Que quiz significar S. Pedro quando disse: *Ut efficiamini conjortes divinae naturae*. Se a vontade de Deos he omnipotente, como pec-

caõ os homens, naõ obstante que Deos quer que naõ pequem. Se Christo he impeccavel, e teve preceito do Eterno Pay para morrer pelos homens, como morreo livremente porque quiz: *Oblatus est, quia ipse voluit.* Se Deos he acto purissimo, e conhece, e quer por actos indistinctos, e que saõ o mesmo Deos, como póde ter actos de vontade livres, e de sciencia contingentes; isto he, que assim como quiz que nascesse Pedro, podia querer, que naõ nascesse; e assim como sabe que Pedro morreo hontem, podia saber, que naõ morrera, se lhe dilatasse a vida para hoje, e isto tudo concordado com a immutabilidade divina: *Ego Dominus, & non mutor.* Pois a estas, e a muitas mais poderãõ dar alguma resposta os que estudaõ Theologia especulativa, e nenhuma darãõ os que a ignoraõ.

Louva-se a Filosofia experimental pelo trabalho com que pretende alcançar alguns segredos naturaes, e ha de condenarse, que os Theologos pertendaõ entender cousas mais graves, e responder a perguntas muito mais sublimes? He boa occupaçaõ especular a virtude do magnete, os lugares em que naõ aponta bem para o Norte, e inventar instrumentos para saber quantos grãos declina; subir, e descer montes para averiguar se peza o ar; entender a causa porque a agua sobe na bomba; correr o mundo para ver se o globo terraqueo he esférico, ou ovado, e semelhantes curiosidades; e porque naõ ha de ser occupaçaõ digna de hum bom discursõ especular questõens, que se vem para melhor intelligencia das que pertencem á nossa Fé? He boa cegueira, querer que se fizerem a hum Theologo as sobreditas perguntas, haja de dar a resposta, que daria hum rustico, que só trata de lavrar o seu campo!

De tudo o que fica dito se vê o erro, em que tropeça o Senhor Critico, querendo dizernos, que a Theologia especulativa he moderna, sendo taõ antiga a dogmatica pura. Chamo-lhe dogmatica pura, porque esta só tem por objecto defender os dogmas, soltando os argumentos, de que se valem os hereges, distinguindo os Concilios legitimos dos que o naõ saõ, explicando o sentido em que fallaraõ as Escrituras: a esta pertence dar razãõ das tradiçoens Apostolicas recebidas como taes pela Igreja, e uzando das definiçoens Pontificas; porque em todas estas couzas se achãõ as armas, com que nos defendemos dos herejes, e mostramos os erros, que inventaraõ contra a Fé; e pare esta Theologia he que serve a historia Ecclesiastica, que a Civil de pouco lhe serve. Para este estudo naõ faltaõ Authores, que trataõ perfeitamente Controversias, imitando os Santos Padres antigos, ainda que estes naõ trazem todos os erros confutados, mas os que tomaraõ por assumto particular, como Santo Agostinho contra Pelagianos, e Semipelagianos, S. Jeronimo contra Vigilancio, S. Ildefonso contra Helvidio, os Santos Irmaõs Leandro, e Isidoro contra os Arrianos, que occuparaõ Hespanha. Dos controversistas modernos Becano, e

o Padre Fontana contra Queinel, e por final que se não vale pouco da Theologia especulativa; e sobre tudo o doutissimo Cardeal Bellarmino.

Nem se deve fazer caso de dizer o Critico, que este Author expõem fortes argumentos, mas que lhe não dá cabal soluçãõ; porque como os herejes se não costumãõ dar por convencidos, dirãõ essa patranha em abono dos seus vaõs fundamentos que sãõ os argumentos, que contra si propõem, e solta eruditamente. Tal vez que o Critico leffe o que diz em algum livrinho dos que sãõ feridos de heresia, e sem advertir, usou d'elle para dizer mal (*sui suus est mos*) de Bellarmino. E se queria provar o iudito, devia apontar, qual era o argumento, que este Eminentissimo não solta bem; o mais he fallar no ar. O certo he, que o seu livro deu tanto cuidado em Inglaterra, que já era commum perguntar a quem viaõ pensativo, se cuidava alguma cousa contra Bellarmino.

Tornando ao ponto da Theologia especulativa; ella começou no principio da Igreja assim como a dogmatica; esta vay crescendo ao mesmo passo, que se levantaõ novos erros, que confutar; aquella se augmentou, tanto por confirmar com razãõ a solida doutrina da Igreja, como por tratar com muita curiosidade, e pezo de bom discurso muitas questoes especulativas. A dogmatica para se defender de qualquer erro velho, ou novo, sempre tem promptas as armas nas definiçoes da Escritura sagrada, da Igreja, e Tradiçãõ Apostolica, das quaes se valem os Santos Padres, e valeraõ os Theologos nos Concilios Florentino, Tridentino, e outros, e os estudiosos modernos de todos estes monumentos tiraraõ, e ajuntaraõ o que poderaõ em hum só corpo dividido em varias. O mesmo fizeraõ os Especulativos separando com grande estudo o que pertence a cada materia, tirando muita parte do que acharaõ disperso nos Santos Padres, e muita no que liaõ nos antigos, e amplificando tudo com metodo escolastico.

He passmo ler a segurança com que este Critico assevera, que ha pouco tempo começaraõ a apparecer as que chama sutilezas, e galantarias da Escola, como se fossem couzas despreziveis: e muitas vezes repete por exemplo de novidade a questãõ do *Principio quo in Divinis*. Mas he porque não sabe, que esta mesma questãõ em termos se tratou no Concilio Florentino, onde o Theologo Latino defendeo consistir no relativo, e o Grego no absoluto, dizendo: *Principium autem quo est illud, quod communicabile est*. Bem especulativa he a questãõ da Sciencia de Deos á cerca dos futuros contingentes condicionados, da qual falla Santo Agostinho, S. Anselmo, e outros SS. PP. como bem prova Molina *in Concordia*: e quem lê com cuidado os Authores Theologicos a cada passo encontra allegados os SS. PP. Verdade he, que elles não trataraõ as materias *ex professo*, e suppunhaõ muitas cousas, que de passo tocavaõ: os AA. modernos trabalharaõ em ir ajuntando o que acharaõ nelles, e adiantando varias questoes

toens para darem completa noticia de tudo o que podia pertencer a estas materias.

Entre todos com razão he celebrado S. Thomaz, mostrando, que o Systema Aristotelico se ajusta melhor com os dogmas da Religião, que não he pequeno louvor deste Principe dos Philosophos, e fundado o Santo nesses mesmos principios naturaes, escreveu contra Gentes. Antes do Doutor Angelico se viaõ já muitas materias Theologicas coordinadas por Philippe Veloboacenie, Thomaz Anglico, Alexandre de Ales, e Mestre das sentenças, ainda que não com tanta clareza, e digestão como as poz o Santo, e Ricoto, que foraõ dous luzidissimos engenhos, e sempre applaudidos entre os doutos, que os que não o saõ, tem liberdade para dizerem o que quizerem.

Demos porém de barato, que a Theologia especulativa começasse ha poucos seculos. Se o mundo abriu os olhos ha menos tempo; como Sua merce diz, para a Filosofia experimental, e para muitas outras cou-las de menos entidade, porque os ha de ter tapados, para não olhar para as especulaçoens da Theologia! He querer hum Santo para si, e outro para os mais.

He bem, que ao menos de passo advirtamos em huma proposição do Critico. Diz que os Santos Padres desviaraõ a Aristoteles da Filosofia. Supponho ser certa a noticia; mas de que Theologia o mandariaõ desviar? Não he crível, que o mandassem desviar da dogmatica, porque della andava elle bem longe por Gento, e não ter luz alguma da nossa santa Fé; assim como seria cousa de riso, se alguém mandasse desviar os rusticos das resoluçoens demonstrativas dos Mathematicos. Fica logo correndo de plano, que o mandaraõ afastar da especulativa, o que bem concorda com o que diz em outra parte, que hum Author julgara, que S. Thomaz peccou, porque na sua Theologia seguiu Aristoteles. Mas daqui se infere com toda a evidencia, que já no tempo dos Santos Padres se tratava da Theologia especulativa, porque não queriaõ que Aristoteles entrasse nella. Tirelhe lá a prova.

Quanto á sua Ley, em que ordena, que na Theologia se não introduza a razão natural, salvo se for necessaria para explicar os dogmas, não estamos por ella, por ser feita sem legitima authoridade, e tambem ser contra a mesma razão. Com que justiça são obrigados os Theologos a trazerem sempre prezo o seu entendimento, para não discorrerem em cou-fas, que não são de Fé? Sem duvida que não he de Fé se o habito da charidade he distincto da graça santificante; se nesta vida mortal teve algum Santo visãõ beatifica; se o motivo adequado da Incarnação foy só-mente a redempção do peccado, e outras semelhantes. Pois que razão ha, para que o Theologo, supostas as verdades da graça, visãõ beata, e In-carnação, não possa discorrer naquellas questões? São melhores as es-
pe-

peculaçoens da bomba, peso do ar, e a sua elasticidade? He melhor estudar por Origenes, como nos encomenda, cheyo de heresias, e ver os Authores hereticos, para tomar delles o methodo? Aqui he, que se póde beber o veneno.

Tambem pertende meter medo aos Theologos, com dizer, que os Judeos allegaõ fortissimos argumentos para protegerem a sua perfidia; e que não basta saber o texto das hebdomadas de Daniel para os convencer. Até agora ninguem lhe disse, que os Theologos julgavaõ bastar aquelle lugar da Escritura para convencer os Judeos. Todo o Testamento velho declara os passos da vida, e morte do Messias, taõ claros, que ió a perfidia muito propria daquella naçaõ os pode negar; nem para isso he necessario recorrer ao Talmud, bastaõ os muitos livros que se escreveraõ doutissimos Theologos, e entre elles não deve ter lugar inferior o Padre Pinamonte. Mas tambem accrescento, que o texto das hebdomas he irrefragavel para quem quizer advertir, que os mais sabios Rabinos do principio da Igreja todos por ellas lançaraõ as contas á vinda do Messias, e se não concordaraõ com as dos Christaõs, nenhum delles estendeo astaes hebdomadas até o nosso tempo, e a deraõ muito a traz. Daqui se segue, que se erraraõ aquelles, sendo mais sabios, muito mais se enganaõ os Judeos deste tempo influidos nos seus tratos, e contratos.

Finalmente depois de esfogado (palavra sua) o furor contra os Theologos, talvez por escrupulo, que lhe sobreyo, ou porque se achou com melhoria das vertigens, lá para o fim da sua Critica, se vay deidizendo pouco a pouco, como se mostra da sua pag. 124. & seqq. onde já vay admittindo Escolas Media, e Thomistica &c. e já dá licença que se dictem materias especulativas, o que muito lhe agradecemos. Boa he a restituiçaõ, e mais vale tarde, que nunca.

R E F L E X A M XV.

Da instrucção para Confessores, e mulheres.

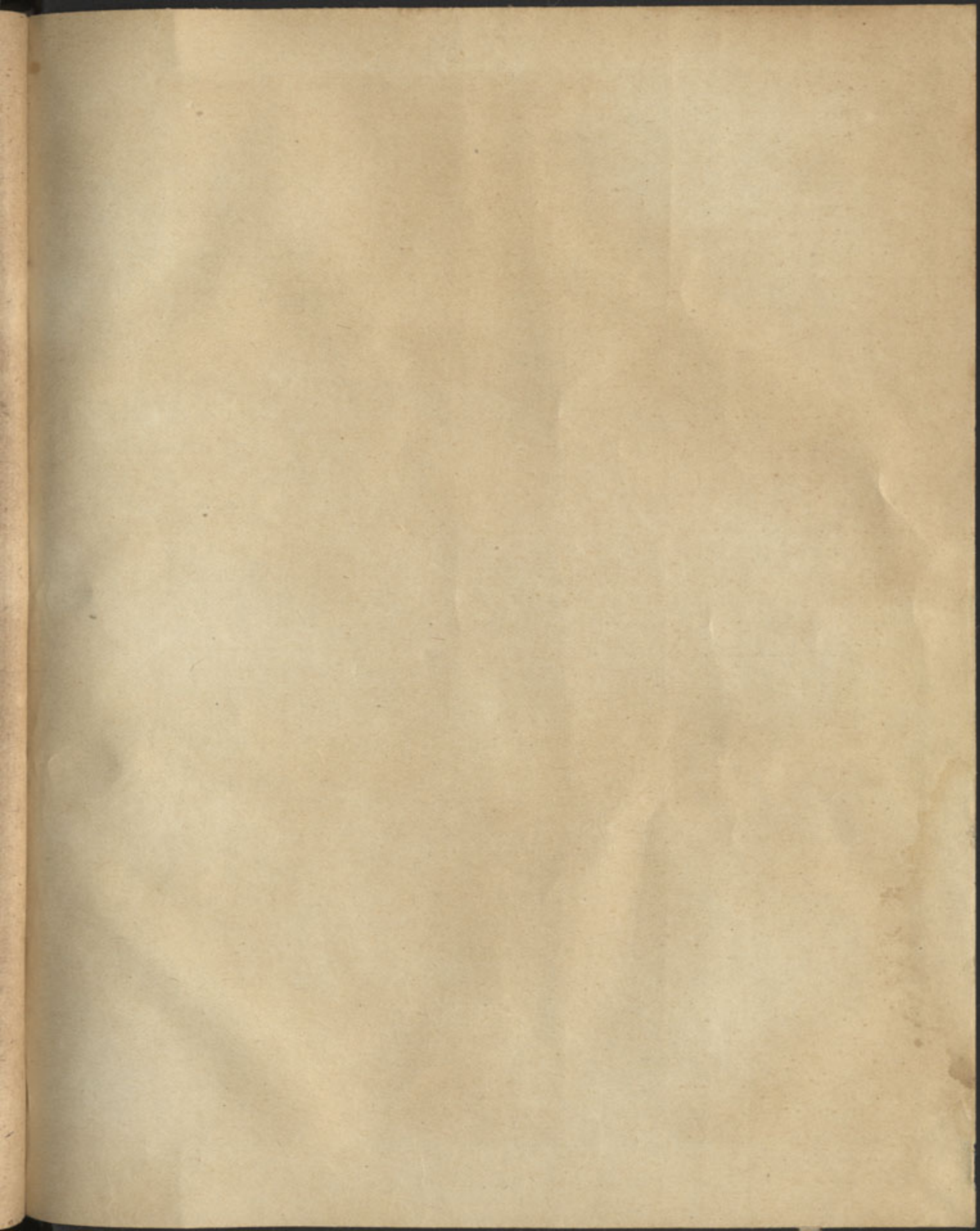
DEpois de fazer na ultima Carta hum compendio de todas as passadas, para que as suas celebres ideas nos ficassem mais fixas na memoria, finalmente com toda a charidade dá hum par de conselhos aos Confessores, encommendandolhes muito, que não estudem Moral por Casuistas, porque estes não daõ razaõ do seu dito: supponho, que nunca os leo, e quer que estudem pela sua Ethica; para isso bom he, que a dê ao prélo, que tará hum bom gasto. Em quanto porém se não imprime, tratem os Moralistas em se instruir bem no Moral, para o que tem bons livros, huns que trataõ magistralmente as materias, outros que compozeraõ excellentes Summas; e não se deixem enganar destas Ideas novas, porque se se meterem com ellas, nada laberaõ. Quan-

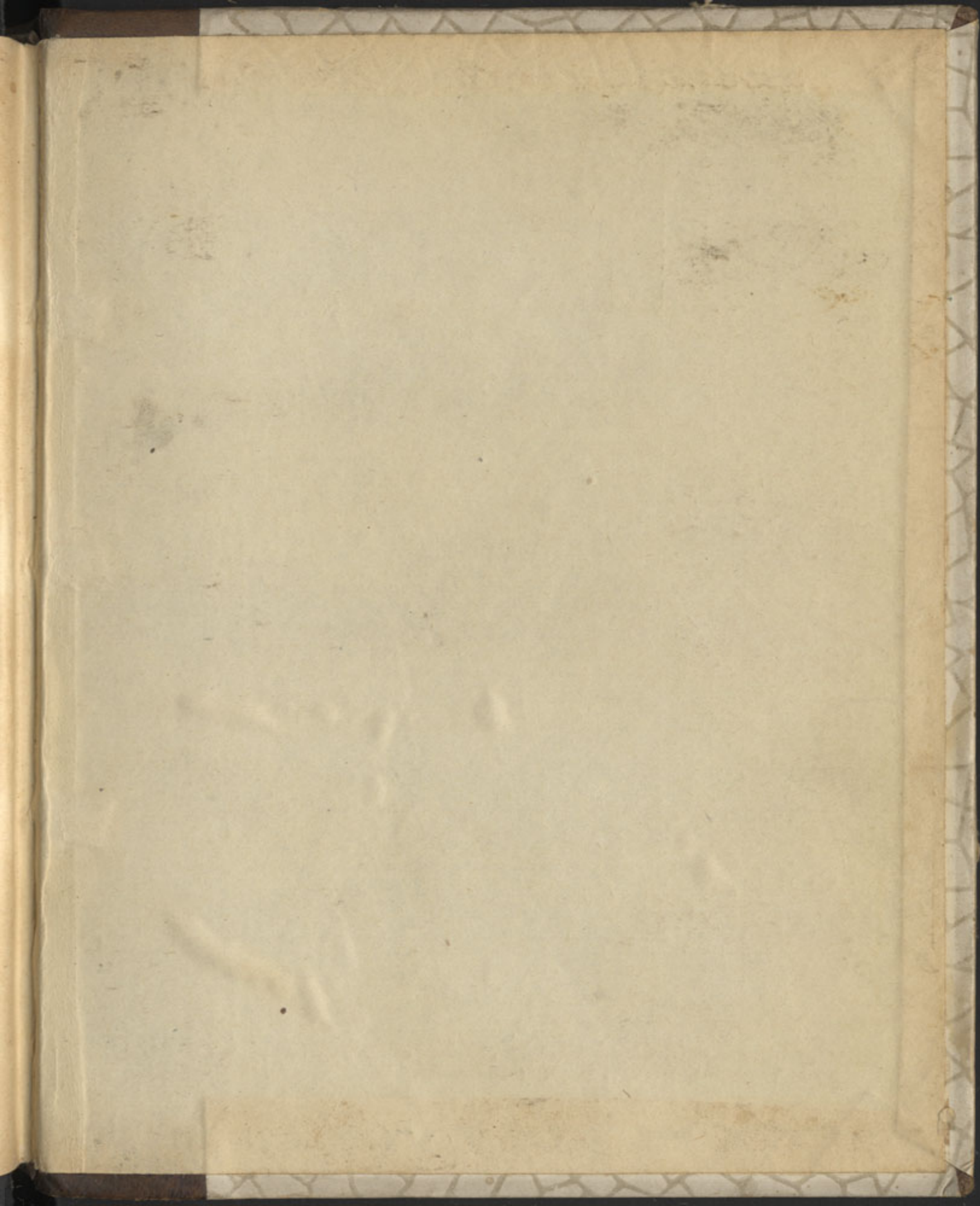
Quanto aos axiomas que dá ás mulheres para se governarem bem, não me meto nisso, porque sempre ouvi dizer, que não era prudencia intrometerse a governar casas alheyas; e ellas se querem, bem o farão, porque nunca ouvi, que houvesse tolo para a sua conveniencia; e se ellas não querem acudir ao governo das suas casas, nada valerão os seus conselhos. Diz que tem grande capacidade para comprehenderem as sciencias, porque as suas almas são da mesma especie, que as nossas. E quem pode duvidar da sua grande capacidade, e engenho? O serem da mesma especie, para mim he certo; mas não faltará alguma Filosofia moderna, que lhe dê na cabeça pollo em duvida. Florecerão muitas doutissimas, e basta por todas S. Catharina de Alexandria, e na mystica S. Teresa de Jesus. Ainda digo mais, que também são capazes de governar exercitos, como foy em França a Donzella de Orleans, e deu bem que fazer aos Inglezes: poucos annos ha, que andou huma na India militando em trages de homem. A antiguidade muito celebrou as Amazonas guerreiras, e a sua Commandante Penthefilea.

Como porém se devem occupar em bordar, e outras obras manuaes, e sobre tudo em governar suas casas, e na educação de seus filhos, pouco tempo lhes pode ficar livre para estudos, salvo se forem Senhoras da primeira esfera: mas quem se ha de atrever a lhes dar leys? Eu não tenho tanta confiança como o Critico mór, só lhe lembrara, que ensinassem seus filhos a serem devotos dos Santos do seu nome, e os tomassem por seus advogados, e exemplares, pelos quaes regulassem as acçoens da sua vida. A recommendação, que lhe dá de saberem dançar minuets, seja boa, ou má, não decido; porém a razão, que para isso aponta, não presta, que diz ser para não andarem corcovadas. Outras cousas ha, que melhor podem endfretar as costas; mas quizera saber, se as antigas, quando não haviaõ minuets, eraõ corcovadas, porque isso saberá Sua mercê dizer, como tão veriado na historia antiga.

Aqui tem Vossa Charidade o que me occoreo sobre as novas Idéas; muito mais podia dizer, se me lembrasse o muito que lá se diz; porém esqueceo-me, porque tenho fraca memoria. Deos guarde a V. Charidade, e o livre de semelhantes Idéas &c.

F I M.







VERDADEIRO METODO

DE ESTUDAR PARA SER UTIL

A REPUBLICA E A EGREJA

Sala	A
Gab.	
Est.	4
Tab.	3
N.º	